

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

277

Mês: Março

Ano: 2022

Preço: R\$ 5,00

Foto: Ciete Silvério

A alma da Língua Portuguesa

Instalado na histórica Estação da Luz, no coração da cidade de São Paulo, o Museu da Língua Portuguesa, reinaugurado há oito meses, voltou a encantar o público, com requintada curadoria de Isa Grinspum Ferraz e Hugo Barreto. Com boa parte do conteúdo renovado, a instituição passou a refletir criticamente sobre a sociedade e suas diversas perspectivas, traduzidas em experiências inovadoras. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

VIVA O PORTUGUÊS

Seguramente, o português é uma língua de cultura. São muitas as suas manifestações, além de autores incríveis, como Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa e modernos como Paulo Coelho e os que são citados com profusão no Museu da Língua Portuguesa (MLP), que é uma iniciativa das mais felizes. O incêndio que vitimou o MLP já foi compensado pelas providências oficiais e a instituição já está em plena atividade, no Estado de São Paulo. O que deve ser ressaltado é que o Museu serve (e muito) à educação, valorizando a nossa língua. Por isso, o JORNAL DE LETRAS dá, neste número, uma bela cobertura. Será de grande proveito para os nossos estudantes, especialmente os que ainda se encontram no ensino médio.

O Editor



Acadêmica Fernanda Montenegro e acadêmico Carlos Nejar na posse Administrativa da Diretoria da ABL. (Arquivo ABL/Michael Félix)

J Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

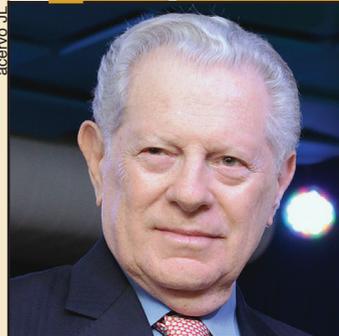
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

**Nazismo nunca mais**

Parecia improvável que aparecesse no Brasil alguém com a coragem ou a irresponsabilidade de defender o nazismo. Pois é, isso surgiu na pessoa do podcaster Monark (Bruno Aiub), com o apoio do deputado Kim Kataguiri (DEM).

São dois perturbados que envergonham a vida brasileira. O primeiro deles, ao ser punido com a perda dos seus patrocinadores, colocou a culpa na bebida que havia ingerido em excesso. Não tem desculpa, pois seguramente passou do ponto e deve ser punido severamente. O seu arrependimento não traz o perdão. A repulsa ao seu gesto é o mínimo que se pode desejar.

Monark foi desligado do Estúdio Flow, que tachou de inadmissíveis os seus comentários racistas. Ele mesmo, depois do que fez, considerou os seus comentários “muito burros”, o que provocou enorme reação. É incrível que essa ocorrência tenha sido confundida como “liberdade de expressão”. Sabendo-se do que foram capazes os nazistas (só judeus na Europa foram mortos cerca de 6 milhões de pessoas), esse gesto de agora foi uma total irresponsabilidade.

Bêbado ou não, Monark cometeu crimes. Como disse com muita propriedade o ministro Gilmar Mendes, “qualquer apologia ao nazismo é criminosa, execrável e obscena”. Já o ministro Alexandre de Moraes afirmou que “a Constituição consagra o binômio liberdade e responsabilidade”. O direito fundamental à liberdade de expressão não autoriza a abominável e criminosa apologia ao nazismo. O ministro Luís Fux tem uma sólida formação judaica e certamente não concorda com nada disso, o mesmo podendo ser dito pelo ministro Luís Roberto Barroso, cuja mãe é de origem judaica.

A reação a essa estupidez foi nacional e internacional. Monark violou preceitos constitucionais e cometeu crime de apologia ao nazismo. Sua atitude, bem como a solidariedade do deputado Kataguiri, outro absurdo com o qual não se pode concordar de jeito nenhum, merecem uma condenação formal e da maneira mais veemente. O que se espera é que a justiça brasileira reaja com a necessária energia a todos esses fatos lamentáveis.

“As companhias prestam muita atenção ao custo de fazer alguma coisa.

Deviam preocupar-se mais com os custos de não fazer nada.”

Philip Kotler

“Sua visão se tornará clara somente quando você olhar para dentro do seu coração.

Quem olha para fora, sonha.

Quem olha para dentro, lembra.”

Carl Jung

Adeus a Arnaldo Jabor

Por Manoela Ferrari

Internado desde dezembro do ano passado, no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, após sofrer um acidente vascular cerebral (AVC), a notícia da morte do cineasta, cronista e jornalista Arnaldo Jabor, aos 81 anos, no dia 15 de fevereiro, deixou o mundo da cultura entristecido.

Muito querido do público e do meio artístico, com extensa carreira dedicada ao cinema, à literatura e ao jornalismo, Jabor dirigiu *Eu Sei que Vou Te Amar* (1986), indicado à Palma de Ouro de melhor filme do Festival de Cannes. Era colunista de telejornais da TV Globo, desde 1991, e deixou pronto um filme inédito, *Meu Último Desejo*, longa-metragem baseado em conto de Rubem Fonseca.

Formado no ambiente do Cinema Novo, Jabor participou da segunda fase do movimento, um dos maiores do país, conhecido por retratar questões políticas e sociais do Brasil, inspirado no neorealismo italiano e na *nouvelle vague* francesa. Dirigiu sete longas, dois curtas e dois documentários.

Antes de se tornar um premiado diretor e roteirista, já demonstrava paixão pela sétima arte. Foi também técnico sonoro, assistente de direção e crítico de cinema. Formou-se pelo curso de cinema do Itamaraty-Unesco, em 1964.

Em 1967, produziu o documentário *Opinião Pública*, seu primeiro longa-metragem, uma espécie de mosaico sobre como o brasileiro olha sua própria realidade.

A carreira do cineasta foi marcada por sucessos de bilheteria e obras premiadas. O primeiro longa de ficção que produziu, roteirizou e dirigiu foi *Pindorama*, em 1970, indicado à Palma de Ouro, o maior prêmio do festival de Cannes, na França.

Em 1973, lançou um dos grandes sucessos de bilheteria do cinema brasileiro: *Toda Nudez Será Castigada*, uma adaptação da peça homônima de Nelson Rodrigues. Venceu o Urso de Prata no Festival de Berlim, em 1973. Com críticas à hipocrisia da moral burguesa e de seus costumes, a história do envolvimento da prostituta Geni com o viúvo Herculano (personagem de Paulo Porto), deu à atriz Darlene Glória o prêmio Kikito de Melhor Atriz no Festival de Gramado. O filme também ganhou um troféu no evento.

Nelson Rodrigues seguiu inspirando Jabor. O filme *O Casamento* (1975), uma crítica comportamental da sociedade, foi adaptado de um romance do escritor. Premiou a atriz Camila Amado com o Kikito de Melhor Atriz Coadjuvante e o Prêmio Especial do Júri no Festival de Gramado.

Outro sucesso do roteirista e diretor foi *Tudo Bem* (1978), o início de sua Trilogia do Apartamento. Num tom de forte sátira, ironiza as contradições da sociedade brasileira. Os protagonistas Fernanda Montenegro e Paulo Gracindo tiveram atuações consideradas primorosas. *Tudo Bem* venceu o prêmio de Melhor Filme no Festival de Brasília e deu a Paulo César Pereio o prêmio de Melhor Ator Coadjuvante na competição. O longa também foi selecionado para ser exibido no Festival de Berlim e na Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes.

Em 1981, escreveu e dirigiu o premiado *Eu Te Amo*, que consagrou Paulo César Pereio e Sônia Braga no cinema brasileiro. A produção era de Walter Clark e a fotografia, de Murilo Salles.

Cinco anos depois, voltou com outro sucesso. *Eu Sei que Vou Te Amar*, de 1986, (interpretado por Fernanda Torres e Thales Pan Chacon) deu o prêmio de melhor atriz para Fernanda Torres, no Festival de Cannes.



JORNAIS E LIVROS

Nos anos 1990, Jabor afastou-se do cinema por “força das circunstâncias ditadas pelo governo Fernando Collor de Mello, que sucateou a produção cinematográfica nacional”, segundo seu site oficial.

A partir de 1991, passou a escrever crônicas para jornais, como *Folha de São Paulo* e *O Globo*, e comentar sobre política, em programas da TV da Globo – *Jornal Nacional*, *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Fantástico* – e de rádio na CBN. No *Jornal da Globo*, dividia os comentários com Paulo Francis e Joelmir Beting. A partir dos anos 2000, assumiu sozinho a coluna.

Nesse tempo, dedicou-se à literatura, publicando oito livros de crônicas. O primeiro – a coletânea *Os Canibais Estão na Sala de Jantar* – foi lançado em 1993. Já os dois últimos, *Amor é Prosa*, de 2004, e *Pornopolítica* (2006), tornaram-se best-sellers.

Em 2010, voltou a filmar, depois de 24 anos afastado. Assinou roteiro e direção de *A Suprema Felicidade*, contando a história de Paulo (Jayme Matarazzo), um adolescente que precisa lidar com as frustrações do pai (Dan Stulbach) e se aproxima do avô (Marco Nanini). O filme foi premiado em categorias técnicas (direção de arte, figurino) em festivais brasileiros e internacionais.

Com o início da pandemia, passou a gravar sua participação nos telejornais em casa. O último comentário foi no dia 18 de novembro, quando falou sobre as suspeitas de interferência no Enem.

Jabor deixou três ex-mulheres, Teresa Simões, Maria Eleonora Barbosa Mello e Suzana Villas Boas, além de três filhos (um deles, a cineasta Carolina Jabor) e quatro netos.



● A **ACADÊMICA** Fernanda Montenegro será empossada na Academia Brasileira de Letras no dia 25 de março, recepcionada pela secretária-geral Nélida Piñon.

● A **TRADUÇÃO** DO saudoso acadêmico Antonio Houaiss para o clássico *Ulisses* ganhou nova edição pela Civilização Brasileira, com caprichada arte de capa e um inédito Guia de leitura preparado por Ricardo Lísias.

● **MARCADA** PARA acontecer de 02 a 10 de julho, a 26ª edição da Bienal Internacional do Livro de São Paulo (Bilsp) já está na sua reta final de preparativo. Com 90% de espaços vendidos, já conta com mais de 110 expositores confirmados. Portugal é o convidado de honra desta edição.

● **MODERNIDADE EM PRETO E BRANCO** (Companhia das Letras), de Rafael Cardoso, oferece ao leitor não só um novo entendimento a respeito de um dos principais movimentos artísticos do país, mas também uma janela para compreender a primeira metade do século XX.

● EM *LIRA MENSAGEIRA*, publicado pela Todavia, Sergio Miceli apresenta um novo olhar sobre o modernismo brasileiro.

● O *SOM DO RUGIDO DA ONÇA*, livro da pernambucana Micheline Verunsch, foi um dos 10 selecionados para compor o *Books at Berlinale*, fruto da parceria entre a Feira do Livro de Frankfurt e o Festival de Cinema de Berlim.

● COM CAPA dura e miolo colorido, mais de 100 anos da primeira publicação da obra, a Faro Editorial lança sua edição de *Metamorfose*, clássico de Franz Kafka, com prefácio escrito pelo cineasta David Cronenberg – que se inspirou na obra para compor o filme *A mosca*.

● O **GUIA DE VISITAÇÃO DO CEMITÉRIO ISRAELITA DA VILA MARIANA** (Ed. Narrativa Um), de Roney Cytrynowicz, apresenta cinco roteiros para visitar e conhecer o local, o mais antigo cemitério judaico de São Paulo, que acaba de completar 100 anos, e é um dos marcos da fundação da comunidade judaica paulista.

● NOVA **TRADUÇÃO** da primeira parte da Comédia *Inferno*, clássico de Dante Alighieri, foi lan-

çada pela Companhia das Letras em caprichada edição bilíngue, com gravuras de Evandro Carlos Jardim.

● EM **COMEMORAÇÃO** aos 50 anos da publicação de *Sargento Getúlio*, o romance que consagrou o saudoso acadêmico João Ubaldo Ribeiro com prestígio internacional foi relançado pela Companhia das Letras, em edição especial, com prefácio de Juva Batella.

● **PUBLICADO** PELA Autêntica, *Inda Bebo no Copo dos Outros* traz uma reunião inédita de obras dispersas de Mário de Andrade que se inserem no contexto da Semana de Arte Moderna.

● A **EDITORA NACIONAL** lança a comédia romântica *Teseu – Sombras do passado*, de Sara Fidélis.

● *CHINA IMPRESSÕES: CULTURA E NATUREZA*, publicado pela Bela Vista Cultural, retrata aspectos poucos conhecidos do país, apresentando história, cultura, natureza e outras peculiaridades que a destacam no cenário mundial.

● *SEM JULGAMENTOS* (Record), novo livro de Meg Cabot, conta a história de Sabrina, uma *petlover* que abandonou sua antiga vida para recomeçar em um novo lugar.

● **PRIMEIRO LIVRO** do poeta argentino Daniel Calabrese publicado no Brasil, *Rota Dois* (Edições Macondo) reúne 42 poemas selecionados pelo autor dentre os 87 que compõem a edição original.

● A **EDITORA** Rua do Sabão publica *Caráter*, um dos mais importantes livros da literatura holandesa do século XX e que deu origem ao filme vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 1998.

● EM *Haavara* (Ed. Idea), o jornalista investigativo Edwin Black mostra, por meio de documentos inéditos até então, o acordo entre judeus e o partido nazista para salvar vidas antes do Holocausto.

● A **PROPOSTA** da obra *Semana de 22: Antes do começo, depois do fim* (Estação Brasil), dos autores José de Nicola e Lucas de Nicola, é percorrer os acontecimentos e bastidores da Semana de 22, propondo análises inéditas.

CERTAS MOSCAS CRUÉIS LEVAM AS COISAS MUITO LITERALMENTE



● A **EDITORA** Novo Século publicou *Um Segredo em Provence*, de Walter Barbosa, vencedor do concurso Talentos da Literatura Brasileira em 2020.

● A **JORNALISTA** Gabriele Jimenez reuniu, no livro *Encontros de Estrada* (Editora Quintal), relatos de sua viagem por 12 países da Ásia, numa aventura que durou pouco mais de um ano.

● *FIO DE CORTE* (Ed. 7 Letras), de Angela Brandão, Ilana Eleá e Lucelena Ferreira, traz poemas que falam da mulher de hoje e abordam temas como sexualidade, intimidade, filhos e confinamento.

● **PUBLICADO** pela Bazar do Tempo, o livro *Golpe de Estado*, do filósofo Newton Bignotto, recorre à história das ideias para tentar compreender fenômenos contemporâneos.

● A **LANDMARK** lançou edição bilíngue e em capa dura do clássico *1984: Nineteen eighty-four*, de George Orwell, com tradução de Fábio R. Cyrino.

● NA *ESTRADA COM O EX* (Ed. Intrínseca), terceiro livro de Beth O'Leary, apresenta uma trama divertida e questiona se o fim de uma estrada pode ser também um recomeço. A tradução é de Ana Rodrigues.

● EM *Um Dia esta Noite Acaba* (Ed. Boitempo), Roberto Elisabetsky entrelaça a história de uma família com a história recente do país, alternando

a ação das personagens no dia do comício das *Diretas Já* com recortes históricos do Brasil.

● EM *As Costureiras de Auschwitz* (Ed. Planeta), a pesquisadora britânica de moda Lucy Adlington conta a história real de um ateliê de costura que funcionou no interior do campo de extermínio.

● A **ZAHAR** lançou edição ilustrada e comentada do misto de aventura e autobiografia espiritual *Robinson Crusoe*. A obra continua insuperável e original como há 300 anos. A publicação tem tradução, apresentação e notas de José Roberto O'Shea e ilustrações de Walter Paget.

● *OPACIENTE* (Editora Minotauro), novo livro de Jasper DeWitt, com tradução de Marcia Blasques, conta a história do psiquiatra Parker H., que assume a tarefa de tratar de um misterioso paciente.

● O **SINDICATO** Nacional dos Editores de Livros (SNEL) publicou o resultado de uma pesquisa referente a venda de livros no ano passado. O relatório apontou que, ao longo de 2021, o setor varejista comercializou 55 milhões de exemplares e faturou R\$ 2,2 bilhões com a venda de produtos com ISBN.

● A **REVISTA** *Eita! Magazine* – vendida na Amazon, voltada para a publicação de contos brasileiros inéditos em inglês – lançou este ano a sua primeira edição bilíngue, com textos de escritores brasileiros tanto em inglês quanto em português.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Para nunca mais esquecer

Sufixo misto é aquele em que, na sua formação, os elementos etimológicos de origem são associados com outros elementos vernáculos.

No caso de **-iano** e **-ense**, é resultado da combinação dos sufixos **-ano** e **-ense** com um **i**, cuja origem é a analogia com palavras em que esses sufixos figuram precedidos de **i**, que faz parte da raiz da palavra. Ex.: horaciano (Horácio) e italiano (Itália).

Sinal perigoso

“Matilde pediu ao médico dermatologista para retirar a berruga do rosto.”

Melhor assim! Veja: ambas as formas estão corretas e existem em nossa língua. Porém, o termo **verruga** é mais utilizado.

Contrato cancelado

“Mateus queria destratar o contrato firmado com o dono da oficina, mas não conseguiu.”

Nem poderia! A palavra foi usada de forma errônea. É um caso de palavras **parônimas** (vocábulo parecido na grafia e pronúncia). Veja: **destratar** (insultar, maltratar), **distratar** (desfazer contrato firmado). Frase correta: “Mateus queria **distratar** o contrato firmado com o dono da oficina, mas não conseguiu.”

Engano

“À entrada de uma empresa está escrito: seja bem vindo!”

Isso não pode ser verdade. Ninguém é “bem vindo”, e sim **bem-vindo**, porque o advérbio **bem** deve ser separado do segundo elemento por hífen, na maioria das palavras. Período correto: “À entrada de uma empresa está escrito: seja **bem-vindo**!”

Sentimento bom

“O bem-querer a todos é próprio daqueles que cultivam sentimentos puros.”

Não é bem assim, não! Este termo é uma exceção à regra anterior explicada. Escreve-se: **benquerer**.

Outras exceções: **benfazejo**, **benfeito**, **benfeitor**, **benquerença** e outras que lhes sejam afins.

Período correto: “O **benquerer** a todos é próprio daqueles que cultivam sentimentos puros.”

Mudança

“A moça se julga melhor do que os outros porque é Bacharel.”

Tudo bem, mas não aprendeu a nova regra: as titulações devem ser escritas com letra inicial minúscula, logo, o certo, agora, é **bacharel**. Período correto: “A moça se julga melhor do que os outros porque é **bacharel**.”

Que fora!

“Nada há entre eu e você, somente amizade.”

Não tem nada mesmo, escrevendo assim. O pronome pessoal do caso reto **eu** só deve ser usado na função de sujeito, ou seja, antes de um verbo no infinitivo, como por exemplo: “Nada há demais entre **eu** pagar e você usar o plano da internet.”

Frase correta: “Nada há entre **mim** e você, somente amizade.”

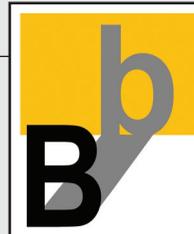
Fedido demais

“Ingrid não queria ficar perto do primo, que estava mal-cheiroso.”

Não creio que estava fedorento, escrevendo dessa maneira.

Não se emprega o hífen nas palavras compostas em que o advérbio **mal** se liga ao elemento seguinte iniciado por **consoante**. Ex.: **maldisposto**, **malfalado**, **malnascido** etc.

Frase correta: “Ingrid não queria ficar perto do primo, que estava **malcheiroso**.”



Com certeza

Hei de vencer é uma máxima que deveria ser seguida.

Duplamente correta: a ideia e a ortografia. Não se deve usar hífen nas locuções, sejam elas adjetivas, substantivas, verbais (hei de vencer), pronominais, adverbiais, prepositivas, interjeitivas ou conjuntivas.

Exceções, por uma questão de tradição: **cor-de-rosa**, **mais-que-perfeito**, **pé-de-meia**, **água-de-colônia**, **ao deus-dará**, entre outras, têm hífen.

Tombo feio

“A criança caiu, bateu com o bum-bum no chão e chorou bastante.”

Coitada! Deve ter doído ainda mais ao bater o “bum-bum”. Observe: nas palavras onomatopeicas não se admite o uso de hífen: **bumbum**. Período correto: “A criança caiu, bateu com o **bumbum** no chão e chorou bastante.”

Uma casa pelos escritores

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Sede do Vice-reino, capital do Império e da República, a cidade do Rio de Janeiro abriga as principais associações culturais brasileiras: por ordem de fundação, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), a Academia Brasileira de Letras (1897) e o PEN Clube do Brasil (1936). Saem das três, em vária medida, ideias, proposições e realizações imprescindíveis para o que em termos de cultura se produz entre nós.

Cada qual revestida dos seus propósitos, reunindo peculiaridades de funcionamento e características de atuação, ao longo do tempo juntaram-se às suas fileiras homens e mulheres que contribuíram para conformar a ideia que hoje fazemos de nós mesmos. De fato, a primeira – criada como uma especialização da Sociedade Auxiliadora Nacional – veio catalisar a atividade de prospecção e escrita da história nacional; a segunda, reunindo homens de letras de várias tendências e visões de mundo, catalisou a ideia de união em torno da cultura letrada; a terceira, congregando escritores interessados na sobrevivência mesma da atividade, fez-se um local de amparo à ideia de liberdade de expressão.

Sobre o PEN Clube, registrei, no meu Breves Notas Quase-literárias (2019), trecho que reproduzo: “Da Praia do Flamengo, abre-se aos olhos vista apaixonante, de lá da varanda. Uma ex-residência, num décimo primeiro andar, abriga a sede da associação. Aliás, a única associação de escritores no Brasil de caráter internacional. E prossegue a nota: “De fato, o PEN Clube do Brasil é a sucursal brasileira do PEN Internacional – este, inicialmente um clube londrino, no melhor estilo dos clubes

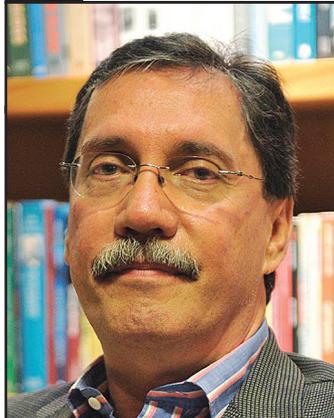
londrinos – hoje dedicado a, para ser sucinto, velar pela liberdade de expressão ao redor do mundo.”

Associação nestes moldes já havia sido tramada pelo acadêmico Ribeiro Couto (autor de *Cabocla*), mas a fundação deveu-se mesmo a ação do acadêmico Cláudio de Souza, que inclusive lhe legou bens pessoais. Paulistano, médico de talento, genro do Barão do Socorro, Cláudio de Souza abandonou a medicina e a cátedra na Faculdade de Farmácia para dedicar-se às letras. Teatrólogo e escritor, conquistou prêmios literários ao longo da carreira. Flores de Sombra, de 1916, será talvez sua peça de maior repercussão.

Mas o legado mais visível é a associação. Sobre ela, o volume organizado com esmero por presidente que tempos depois sucedeu a Cláudio de Souza, o também teatrólogo e escritor Cláudio Aguiar, reproduz texto revelador dos propósitos que moviam o fundador: “Seu (do PEN Clube) fim é congregar os escritores, defender-lhes os direitos, dirimir-lhes as divergências e bater-se pelo respeito às obras de pensamento como patrimônio da humanidade” (AGUIAR, Cláudio. PEN Clube do Brasil: 80 anos. Rio de Janeiro: Batel, 2016).

Nunca terá sido fácil, presentemente também não o é. A liberdade de expressão, algo de diáfano, sem o concurso do bom-senso (eis aí tentativa de limitação!) mostra-se difícil de exercer descuidadamente. Mesmo entre escritores. Em tempos de redes sociais, em que opinar é quase sinônimo de existir, a banalização da opinião serve a muitos propósitos, nem todos eles negativos, como se parece supor. Que a ideia de conagração se difunda pelos novos meios de exercer a liberdade de expressão é algo que a todos deveria inspirar o exemplo da nossa quase nonagenária associação, verdadeira casa pelos escritores.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

**MERVAL PEREIRA**

Desafios da democracia

Arnaldo Niskier: Hoje, com muito prazer, recebemos a visita do novo presidente da Academia Brasileira de Letras, o escritor Merval

Pereira. Quais são seus planos mais imediatos para a presidência da Academia?

Merval Pereira: A Academia está num momento muito bom, o momento de recomeçar o trabalho presencial, recomeçar seu ciclo de seminários. Temos, este ano, muitas efemérides para comemorar: o centenário da semana de Arte Moderna, o bicentenário da Independência, o centenário do Darcy Ribeiro, 125 anos da Academia, que é o principal da nossa programação. Estamos programando muitas coisas, inclusive algumas diferentes. Por exemplo, uma das coisas que estou combinando com nosso confrade Geraldo Carneiro é aproveitar a volta da visita guiada, que foi suspensa na pandemia. A ideia é fazer, em homenagem aos 125 anos da Academia, um pequeno esquete de teatro aproveitando os móveis do Machado de Assis, que temos em exposição, e fazer uma pequena peça de teatro sobre a história da Academia. Estamos começando a criar isso. Nos 125 anos, vamos convidar algumas Academias nacionais, estaduais e, se conseguirmos, a Academia portuguesa e a francesa. A portuguesa, porque é a nossa coirmã, e a francesa, porque é o nosso espelho, fomos fundados baseados na Academia Francesa. Estamos programando uns dois, três dias de seminário sobre a língua portuguesa, sobre a importância das Academias. Acho que vai ser uma boa programação.

Arnaldo Niskier: E haverá recursos financeiros para isso tudo?

Merval Pereira: Conseguimos equilibrar as finanças da Academia, na gestão do Marco Lucchesi, estamos bem novamente, no azul, e temos muitos patrocínios. Conseguimos um patrocínio da Vale, por exemplo, que é para fazer a digitalização dos nossos documentos. Foi um financiamento muito importante e acho que conseguiremos patrocínios para essas comemorações especiais.

Arnaldo Niskier: Ouvi dizer que você obteve uma boa quantia da Light.

Merval Pereira: A Light já fez um acordo conosco, para retomarmos o prêmio Machado de Assis. Este ano já concedemos o prêmio para o escritor Ruy Castro. Por dez anos, a Light vai patrocinar esse nosso prêmio, que é tradicional, o mais importante da literatura brasileira.

Arnaldo Niskier: O que representa, para a Academia, a entrada de cinco novos acadêmicos, como está acontecendo agora?

Merval Pereira: É a primeira vez que isso acontece no mesmo momento, em seguida. Tudo foi por causa da pandemia, quando foram acumulando essas vagas. Foi um momento muito bom para a Academia escolher, nesses cinco novos acadêmicos, representantes de várias categorias culturais.

Arnaldo Niskier: A diversificação foi grande.

Merval Pereira: Foi grande e foi importante, porque temos a música, representada pelo Gilberto Gil; o teatro, representado pela Fernanda Montenegro; a medicina, pelo Paulo Niemeyer. São todas tradições da Academia, e o escritor e jurista José Paulo Cavalcanti. Teremos agora, na quinta vaga, dois escritores e filósofos disputando com um grande jurista. É uma diversidade muito grande, que corresponde à diversidade que buscamos na Academia.

Arnaldo Niskier: Claro. Quem pensa que a Academia é só escritor está equivocado. A Academia também são notáveis. Em várias categorias culturais, notáveis estão sendo eleitos e empossados, a partir de março.

Merval Pereira: Você tem razão. Essa é uma história que foi debatida, na inauguração da Academia, há 125 anos. Houve um grande debate entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco sobre quem seriam os acadêmicos. Machado era a favor de serem literatos, escritores e Joaquim Nabuco acha-

va que deviam ser os notáveis, também fora da literatura, e prevaleceu a ideia dele, prevalece o tempo todo.

Arnaldo Niskier: Você trabalha no rádio, na CBN, na televisão, na Globo e nas suas afiliadas também, e acaba de escrever mais um livro. Gostaria que nos dissesse alguma coisa a respeito desse novo livro.

Merval Pereira: Esse livro tem uma origem interessante. O Moacyr Scliar, a quem sucedi na Academia Brasileira de Letras, me cobrava sempre que publicasse um livro com ensaios e artigos que não fossem dedicados ao dia a dia da política, que fossem dedicados a debates conceituais. Quando comecei a fazer essa coluna, há 18 anos, a minha ideia era essa, fazer uma coluna que não se limitasse a cobrir só o dia a dia da política. É claro que há momentos em que você não pode sair dele, não tem jeito, mas procuro sempre abordar temas mais amplos, como liberdade de expressão, temas econômicos, política internacional. Então, esse livro tem essa característica. Selecionamos as colunas, desde o início até hoje, que tratavam de assuntos que dão debate sobre conceitos de democracia. O nome do livro é *Desafios da Democracia*. Analiso a primavera árabe, por exemplo. Há vários artigos e ensaios sobre a primavera árabe e sobre a liberdade de expressão – a importância do jornalismo e da independência da imprensa para a democracia, outro assunto que está muito debatido no livro. São temas que não se limitam ao dia a dia, são colunas que levam para uma discussão mais ampla de conceitos dentro da democracia.

Arnaldo Niskier: Você escreve diariamente ou escolhe uma hora do dia para escrever alguma coisa? Como é que funciona sua criação?

Merval Pereira: Geralmente começo a escrever às 18h, mas passo o dia escrevendo na minha cabeça, passo o dia lendo, conversando, porque uma das minhas preocupações é exatamente não repetir o assunto que vai estar no jornal do dia seguinte, tentar fazer com que a coluna, a partir de um fato do dia a dia, seja original, tenha uma evolução de pensamento para além do fato. Então, almoço com alguma fonte ou telefone ou fico lendo, mas é o dia inteiro pensando na coluna. Isso é inevitável, mas, quando me sento para escrever, já tenho um caminho pronto e é mais fácil.

Arnaldo Niskier: É uma responsabilidade terrível escrever praticamente o editorial de um jornal da importância de *O Globo* e fazer isso sistematicamente. É uma responsabilidade que cai sobre seus ombros e que se desincumbe muito bem, porque faz muito sucesso.

Merval Pereira: É duro mesmo, mas o país também é muito pródigo de temas e de assuntos, infelizmente...

Arnaldo Niskier: Temos um presidente que não deixa cair a peteca, está sempre agitando e movimentando as coisas de tal maneira que não falta munção para alimentar sua apreciada coluna. E rádio? Você também gosta de rádio.

Merval Pereira: Todo dia, CBN com Carlos Alberto Sardenberg, é um programa já muito tradicional, já tem muito tempo. É bom, porque o Sardenberg é um craque não só no rádio, como na análise política. Escolhemos os temas que vamos abordar com base no que está acontecendo e é uma conversa de dois especialistas na área, então fica muito fácil, muito boa de fazer. E acho que é boa de ouvir, porque é uma conversa que tem muita informação.

Arnaldo Niskier: Você ganhou o Prêmio Maria Moors Cabot, que é um dos mais importantes do jornalismo no mundo, concedido tradicionalmente pela Universidade de Columbia. E você ganhou, em grande estilo, em 2019. O que representou esse prêmio para você?

Merval Pereira: Foi importantíssimo, porque, como você disse, não é um prêmio pontual por uma reportagem ou por um livro, é o prêmio pela carreira, pelo trabalho desenvolvido. Sendo o principal prêmio do jornalismo mundial para a América Latina, é uma honra receber um prêmio desse. Passei o ano de 2008 nos Estados Unidos, em

Nova Iorque, acompanhando a eleição do Obama, e fui professor visitante de Columbia nesse período. Depois disso, recebi esse prêmio e, realmente, é um reconhecimento da sua carreira. E isso me fez muito feliz. É como a eleição para a Academia Brasileira de Letras. São muitos os jornalistas, você, por exemplo, entrou como jornalista e como educador. Há vários jornalistas que são escritores. Agora entrar como jornalista pura e simplesmente é uma chance...

Arnaldo Niskier: O Austregésilo de Athayde, que foi presidente da Academia durante mais de 30 anos, prezava muito a condição de jornalista dele. Ele era jornalista e se orgulhava disso. De maneira que, quando podia, naturalmente prestigiava a escolha de outro jornalista. Você particularmente não trabalha a vida toda em *O Globo*, trabalha boa parte da sua vida no maior jornal do país, mas foi também da revista *Veja*, trabalhou em outros veículos. Como foi essa experiência?

Merval Pereira: Comecei a trabalhar em jornal aos 17 anos. Estava fazendo vestibular, tinha que arrumar um emprego e não tinha nenhum tipo de atração por nada. Gostava muito de ler, escrevia, fazia crônicas, para mim mesmo. Tinha um grupo de amigos, conversávamos muito sobre literatura e o único lugar que me pareceu possível foi o jornalismo. Gostava de escrever, de ler e fui fazer um estágio no jornal *Diário de Notícias*, que tinha sido um grande jornal, muito importante e estava muito decadente. Fiquei uns meses lá, acabei saindo, porque descobri que o meu editor não recebia salário há quase um ano, ele vivia vendendo anúncio. O jornal estava muito ruim, muito mal. Saí e acabei indo para *O Globo*. Entrei em *O Globo* em 1968, com 18 anos, tem mais de 50 anos. Peguei uma fase do jornal de muita modernização, entrei em 1968. A partir de 1970, entrou o Evandro Carlos de Andrade para assumir a redação e passou a fazer uma verdadeira revolução no jornal. Virou um grande jornal, grande empresa...

Arnaldo Niskier: Curioso que o Evandro foi homem de jornal (eu o conheci bem, porque fomos colegas de colégio, no Colégio Vera Cruz, e o irmão dele também, Fernando), mas depois se destacou na televisão, fez um trabalho notável na TV Globo. Você acompanhou isso também?

Merval Pereira: Fui dirigir a redação de *O Globo*, substituindo o Evandro, que tinha ido para a TV Globo. Foi um momento de mudança no jornalismo da TV Globo, em que o Evandro teve muita importância, como teve na reformulação de *O Globo*. Foi fundamental a mudança que ele fez.

Arnaldo Niskier: E ele tinha o prestígio absoluto do Dr. Roberto, que gostava muito dele.

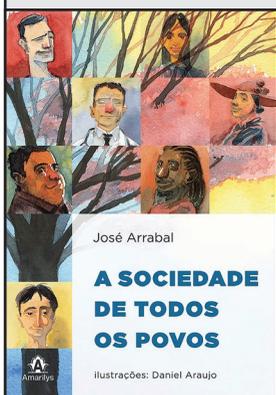
Merval Pereira: E os filhos também. Então, acompanhei essa trajetória toda de *O Globo*. Quando entrei, não tinha *O Globo* no domingo, era o *Jornal do Brasil*, que era o grande jornal de domingo, e *O Globo* na segunda-feira era o grande jornal de esportes. Isso foi evoluindo e acabamos dominando o domingo, dominando o mercado carioca. Saí de *O Globo* três vezes. Uma vez, para ir para a *Veja*; outra para ir para o *Jornal do Brasil*; e uma vez para estudar fora. Ganhei uma bolsa e fui estudar, na Universidade Stanford, “política internacional”, fiquei um ano lá e foi um ano muito bom para mim, muito produtivo. Tive, portanto, a capacidade de acompanhar a evolução da imprensa brasileira, porque *O Globo* foi o primeiro jornal a se profissionalizar realmente de maneira organizada. O *Jornal do Brasil* era um jornal muito importante, que já tinha certos parâmetros, inclusive para o profissionalismo. Tinha um grupo de repórteres especiais, que era o grande sonho de todo mundo, que ganhava um bom salário, fazia as matérias mais importantes. E *O Globo* foi se adaptando a essa nova realidade e se transformou num exemplo de empresa jornalística moderna, com participação no lucro dos empregados, dos jornalistas e todos os demais funcionários. É um jornal que tem metas a serem atingidas anualmente, inclusive na redação. Então, foi uma revolução realmente na imprensa brasileira. Hoje, a *Folha de São Paulo* também fez uma revolução no jornalismo com o seu projeto editorial. Trabalhei na *Veja* no auge, quando era dirigida por José Roberto Guzzo e por Elio Gaspari, foi o grande período da *Veja*. Tive a sorte de estar no lugar certo na hora certa.

Arnaldo Niskier: O que esperamos é que, com sua boa estrela e o bom profissional que você é, isso tudo se transforme em ações concretas em favor da Academia Brasileira de Letras, que é uma instituição poderosa, importante e que merece todo o apoio para que se desenvolva e ajude a cultura do nosso país a crescer também. Desejamos de coração que você, que agora assume a condição de presidente da Academia Brasileira de Letras, com esse brilho tradicional, faça pela Academia tudo que é possível para que ela se desenvolva cada vez mais.

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



A SOCIEDADE DE TODOS OS POVOS

Na obra *A Sociedade de Todos os Povos* (Ed. Amariyls), José Arrabal apresenta uma saga cujo enredo trata, em especial, da emigração de trabalhadores espanhóis para o Brasil, desde as últimas décadas do século XIX.

Com belas ilustrações de Daniel Araujo, o leitor tem em mãos 120 anos de histórias intensas. Realidade e ficção compõem vasto painel de aventuras, dificuldades, esperanças e certezas, em meio a controvérsias do século XX, como a I Grande Guerra, a Gripe Espanhola, a crise da agricultura cafeeira e a Revolução de 1930, o Estado Novo getulista, a II Guerra Mundial, a ditadura militar de 1964, a redemocratização da sociedade brasileira, mais os fatos ocorridos nos primeiros

anos do século XXI.

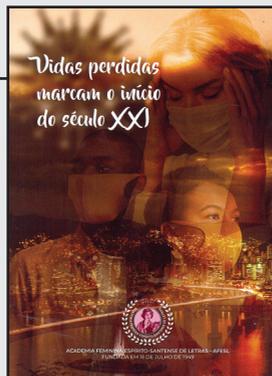
O romance reúne histórias vividas por famílias de várias origens. Gente que, com empenho, contribui para a realização do sonho de uma sociedade viável a todos os povos do mundo no Brasil.

No prefácio, o jornalista Emerson Lopes da Silva destaca a intensidade da obra e sua eficiência no posicionamento diante do cenário político e econômico mundial contemporâneo.

José Arrabal é professor universitário, jornalista, escritor, autor de contos, novelas e romances. Lecionou por muitos anos na PUC de São Paulo, na Universidade Metodista, UNIP e FAAP, em áreas de Letras e Comunicação Social.

VIDAS PERDIDAS

O título da coletânea *Vidas Perdidas Marcam o Início do Século XXI* (Ed. Jordem, 2021) anuncia o que o leitor encontrará nas 102 páginas da obra. No percurso da antologia promovida pelas acadêmicas da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, temos uma visão diversificada do infortúnio mundial registrado literariamente em textos que vão do lirismo à tragicidade ao instrutivo e informativo. Em formatos diversificados, há tragédias pontuais, como *Pandemina* e *Pandemônios* de Valentina Krupnova e *Lamento*, de Ailse Cypreste. Na apresentação, o secretário municipal de Cultura de Vitória, Luciano Gagno, ressalta a importância da coletânea para as futuras gerações: “Estamos diante de uma obra marcante, que, além de ser concebida numa época de relevo, jamais será esquecida, devido a colaboração de Mulheres magníficas, com M maiúsculo, e que certamente terão muito a contribuir com o enriquecimento intelectual e emocional dos leitores.” No prefácio, a presidente da AFESL, Neusa Glória dos Santos, falou sobre os desafios e os impactos trazidos pela pandemia de Covid-19: “Todas essas feridas, impotências, com paralisação da vida normal, nos permitiu o nascimento e esperança de uma vida mais profunda, introspectiva, mais humana e mais próxima de um Deus de milagres que nos faz acreditar em um amanhã bem-aventurado.”

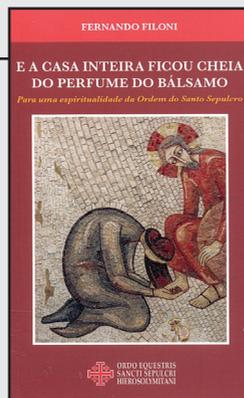


O PERFUME DO BÁLSAMO

E a casa inteira ficou cheia do perfume do bálsamo – frase retirada do Evangelho de João 12, 3 – intitula este belo livro sobre a espiritualidade da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém, do Grão-Mestre da Ordem, Cardeal Fernando Filoni. Ao longo de 84 páginas, em linguagem simples e conteúdo profundo, a obra reflete sobre as convicções, os valores e as escolhas próprias, propondo o exercício da espiritualidade aos membros da antiga OESSJ.

A primeira parte – Dimensão Bíblica da Espiritualidade. Jerusalém: o mistério. Lugares e pessoas – é dividida em nove capítulos. A saber: Em Betânia: um gesto para sempre; A cruz e a morte de Jesus; As personagens; O sepulcro vazio; A ressurreição; A paz destej convosco! Uma mensagem para todos. Emaús: da parte dos Discípulos; Na barca de Pedro e finalizando, no Poço de Jacó. A água para não ter mais sede.

Na segunda parte, a Dimensão Eclesiológica da Espiritualidade apresenta: a graça batismal; Jesus, a Palavra de Deus; Confiança: oração e Eucaristia; o mistério da caridade; uma realidade eclesial; o magistério da Igreja e a Ordem; o seu nome era Maria; “Depois, levou-os até junto de Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os” (Lc 24,50).



DESJEITOS – ALGUMA POESIA

Desjeitos (Numa Editora, 2022) marca o retorno de Flávia Souza Lima à poesia 32 após sua estreia literária.

O amor e seus (des)encontros, as impossibilidades provocadas pela pandemia e a relação com o fazer poético são alguns dos temas deste segundo livro da poeta, que estreou com *Sobre-viver*, lançado em 1989.

A orelha é assinada pela cantora, compositora e escritora Joyce Moreno, que realça a delicadeza da coletânea: “Poesia assim é ouro”, afirma. Dois jornalistas saudam a (re)estrela da autora: enquanto Patricia Palumbo dá as boas-vindas, Christovam de Chevalier destaca, no prefácio, a excelência da precisão na escrita, presente em cada um dos textos: “O leitor há de encontrar aqui uma poesia altamente provocativa, no sentido de instigar (e até mesmo debochar), sendo, ao mesmo tempo, terna e acolhedora, no sentido de ser um chão que ampara quando tudo em volta desmorona.” A apresentação coube à poeta portuguesa cáliboreaz.

Souza Lima é jornalista, produtora cultural e realizadora artística. Como jornalista, trabalhou no jornal *O Dia* e na TVE (hoje Rede Brasil). Atualmente, apresenta o podcast *Chiado*, sobre música, literatura e artes, e, por meio da Planetário Produções, criou o Festival Poemúsica, cuja primeira edição, realizada em 2021, contou, entre outros, com Áurea Martins, Guinga e Zé Renato.



O HOMEM DO CHAPÉU DE COCO

O Homem do Chapéu Coco (Ed. Giotri, 2022), de Wilmann Costa, está em sua terceira edição. A primeira foi lançada em 2008 e a segunda, em 2018.

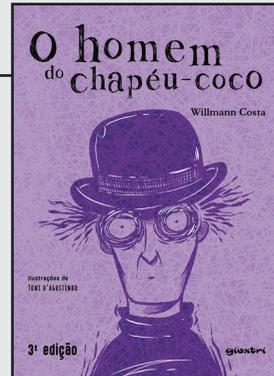
Destinada ao público infantojuvenil, a trama de suspense instiga a curiosidade de qualquer leitor.

Trata-se de uma obra de ficção, numa linguagem simples, bem de acordo com o público a que se destina.

A narrativa se desenvolve em Ipanema, na zona sul do Rio de Janeiro, e tem início com um suposto crime que somente será solucionado no final.

Com questionamentos sobre preconceito social e a ausência de afetividade familiar, a obra tem belas ilustrações de Tony D’Agostinho.

Wilmann Costa é doutorando em Psicanálise Saúde e Sociedade, mestre em psicanálise; MBA em Gestão Empreendedora; gestor de uma Escola Pública pioneira em Educação Socioemocional; professor de Língua Portuguesa; integrante da rede Conectando Saberes; escritor de livros de ficção; assessor especial do secretário de educação do município do Rio de Janeiro; vice-presidente do Conselho Municipal do município do Rio de Janeiro; autor do livro *A Educação no Século 21 – Novos Olhares*. Escolhido pela Fundação Lemann como um dos Talentos da Educação em 2017, atua como palestrante, reunindo toda sua experiência na formação de docentes e gestores em prol de uma educação com excelência e equidade.



POEMAS DE UM PEREGRINO

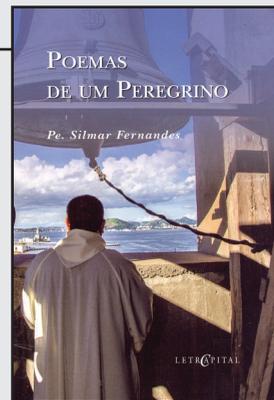
Nos textos reunidos em *Poemas de um Peregrino* (Letra Capital, 2018), Pe. Silmar Fernandes, com rigoroso domínio da forma e extrema profundidade na mensagem, nos revela a intimidade lírica própria dos grandes poetas.

Na sonoridade dos versos, o autor planta seus “poemas-sementes” direto no coração dos leitores.

Mantendo intocada a vocação literária, aliando erudição e leveza, a tessitura narrativa do Pe. Silmar é semeada com o zelo poético característico de sua trajetória. Os 126 poemas desta obra são tecidos artesanalmente com sintagmas que oferecem profundo conhecimento e sentido bíblico – Livro Sagrado que o inspira com maestria. A “voz” que nos fala vem de dentro da “Palavra”, revelando ao leitor a compreensão do que há de evocativo em suas memórias afetivas. O livro é dedicado ao saudoso pai Filadelfo, à irmã mais velha, Soninha, já no céu, e à mãe Glória Jean.

Na orelha, o poeta Affonso Romano de Sant’anna destaca: “Seus textos denotam mais do que sensibilidade, vocação literária.” E o memorialista Antonio Carlos Villaça enaltece: “Uma poesia toda do coração, maravilhosamente forte, nunca superficial, nunca sentimental.”

Nascido em Italva, Silmar Fernandes é pároco da Igreja Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé, líder da Comissão de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural da Arquidiocese do Rio.



Casa Mário de Andrade

Por Raquel Naveira*

Entrei com uma pasta cheia de livros no elevador. Uma senhora de cabelos castanhos e óculos dourados cumprimentou-me sorrindo:

- Vai dar aulas?
- Sim, uma oficina poética na Casa Mário de Andrade.
- Na rua Lopes Chaves?
- Isso.

– Morei na rua Margarida, fui vizinha de Mário de Andrade. Minha mãe era amiga de Dona Maria Luísa, a mãe de Mário. Costurava roupas para ela. Muitas vezes, eu era uma menina de uns sete ou oito anos, eu o via tocando piano ou debruçado na janela observando a brincadeira da criançada.

O elevador se abriu e nos despedimos. Reconheci que ela, por trás do sorriso e dos óculos dourados, tinha uma experiência maior que a minha de vida, de São Paulo e de Mário de Andrade, malgrado o peso de minha pasta cheia de livros.

Que emoção pisar na casa de Mário, naquele canto da rua Lopes Chaves. Um sobrado simples, de cômodos grandes e arejados. Não é um museu. Das coisas de Mário, restaram o piano preto, alguns livros numa estante e um antigo armário de xícaras e louças na cozinha, onde ele certamente guardava um doce de calda e um vinho econômico. Na principal sala de aula, uma fotografia enorme do grupo que participou da Semana de Arte Moderna: Anita Malfatti, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Murilo Araújo, Paulo Prado, Graça Aranha, Victor Brecheret e o jovem Mário, que se tornaria o líder dessa revolução artística.

Os alunos me aguardavam no andar superior, no quarto que pertencera a Mário. Fecho os olhos e posso vê-lo: alto, queixo enorme, de robe de chambre de seda, sentado junto à escrivaninha, à luz do abajur, sempre lendo, pesquisando, escrevendo cartas que enviava a intelectuais de todo país. Sobre a escrivaninha, a máquina de escrever, que ele chamava de “Manuela”, em homenagem ao poeta Manuel Bandeira; as

laudas de papel em branco que depois tomaram forma de livros como *Pauliceia Desvairada*, esse canto cruel, concebido entre desgostos, trabalhos urgentes, dívidas, buzinas de automóveis e fagulhas de bonde.

O ambiente da casa de estudos hoje é tão despojado, mas sei que essas paredes eram cobertas de quadros como o “Homem Amarelo”, comprado naquela célebre exposição de Anita Malfatti, que revelou para ele uma transformação radical de conceitos. Que admiração tinha Mário por essa artista cheia de paixão e arrebatamento, que pintava a ventania, a chuva, a neblina, os faróis e as cabanas de pescadores em telas e mais telas, num turbilhão estranho de cores e formas. Talvez ela o tenha amado secretamente. Um amor não correspondido e sublimado.

Pensar que nessas salas aconteceram reuniões, debates, polêmicas sobre o futurismo, essa ânsia de esfacelar velhos moldes literários e arejar o pensamento. Que aqui Mário ora tocava músicas para os amigos, ora lia poemas, ora comentava trechos de seus romances, como *Macunaíma*, o herói brasileiro sem nenhum caráter, o anti-herói, o resultado da miscigenação de várias etnias e culturas.

Debaixo desse teto, Mário envelheceu e viu tudo explodir: políticas, guerras, ditaduras, amizades profundas, casamentos de artistas. Como devem ter doído o rompimento com Oswald de Andrade por discordâncias em questões estéticas e morais e os gritos do povo na rua: Getúlio, Getúlio! Como deve ter sofrido ao perceber que não mais fazia sentido a sede destrutiva da Semana de Arte Moderna.

Depois de um período trabalhando no Departamento Municipal de Cultura, onde criou bibliotecas e discotecas, restaurou documentos, fez o levantamento do patrimônio histórico paulista, Mário enfrentou na rampa dos cinquenta anos um tempo triste, crepuscular, em escreveu versos como estes: “Nesta rua Lopes Chaves/ envelheço, e envergonhado/ nem sei quem foi Lopes Chaves.// Mamãe me dá essa lua,/ ser esquecido e ignorado/ Como esses nomes de rua.”

Terminada a aula, ao descer a escada de madeira rangente, lembrei que foi ali que Mário, num domingo distante, sentiu uma dor no peito e tombou. À noite, um segundo ataque de angina foi fatal. Esgotaram-se as forças desse guerreiro, proletário da inteligência.

Amanhã, se eu encontrar de novo aquela senhora de cabelos castanhos e óculos dourados, vizinha de Mário, poderei lhe dizer que ainda há afeto familiar, modéstia e bondade, naquela casa da rua Lopes Chaves.

*Raquel Naveira é da Academia Sul-Matogrossense de Letras.

O Anjo

Por Jonas Rabinovitch*

Passeando pela Floresta da Tijuca, João percebeu que aquele graveto tinha uma cor diferente, uma espécie de brilho. Apanhou o graveto e viu que cintilava. “Que coisa curiosa”, pensou. Ele nunca tinha visto um objeto tão comum irradiar uma luz assim tão intensa...

No caminho para casa, viu que um cachorro ia ser atropelado. Sobressaltado, ele desejou que o carro parasse. O carro parou, instantaneamente. O cachorro veio e fez festinha, agradecido, abanando o rabo. Chegando em casa, encontrou a pilha de pratos sujos na pia. Desejou que já estivessem limpos. No mesmo segundo, lá estavam os pratos limpinhos, reluzindo. “Mas isso é incrível! Fantástico! Extraordinário!” João ficou excitadíssimo.

Nos cinco minutos seguintes, havia uma bolsa com dez milhões de dólares no chão da sala, uma passagem para dar uma volta ao mundo em primeira classe (só para não ter trabalho de ir comprar), um equipamento de som e TV de última geração, uma piscina no quintal, um Porsche na garagem e vários vizinhos enciumados e muito curiosos.

Foi quando o anjo apareceu. “Desculpe, mas acho que você encontrou meu bastão mágico de justiça?”

“Eu?? Não, não encontrei nada não. Bastão mágico?? Não vi não...”

O anjo apenas olhou para João com aquela cara angelical que só os anjos sabem fazer.

“O problema é o seguinte: cada vez que você usa o bastão para uma finalidade que não seja justa, morre uma criança no mundo. Ou, para ser mais exato, ela deixa de nascer.”

João não sabia o que dizer. Ele pensou que o mundo não precisava de mais gente, que a reprodução humana era uma atividade puramente recreativa de qualquer maneira, que aquele anjo estava inventando histórias ou que poderia solicitar outro graveto no departamento competente. Como sempre acontece quando a gente abre a boca sem saber o que dizer, ele disse a primeira bobagem prática que lhe ocorreu.

“E será que dá para eu ficar com as coisas que já estão aqui em casa?”

O anjo fez aquela cara que os anjos fazem para dizer “não” de forma condescendente. E se foi num raio de luz, levando tudo consigo... Até o Porsche.

Além da decepção, o mais difícil para João foi explicar para os vizinhos e para a polícia o que tinha acontecido.

A experiência o transformou. Ele passou a passear na Floresta da Tijuca todos os dias, olhando com muito cuidado para o caminho no chão e para o céu. E passou a pensar de um jeito muito diferente nas crianças que nasciam a cada dia.

*Jonas Rabinovitch é arquiteto urbanista e Conselheiro Sênior da ONU para Inovação e Gestão Pública em Nova York.

Adeus a Candido Mendes

Por Manoela Ferrari

Um dos maiores intelectuais brasileiros, o acadêmico Candido Mendes de Almeida morreu, aos 93 anos, na tarde do dia 17 de fevereiro, no Rio de Janeiro, vítima de embolia pulmonar.

Professor, educador, advogado, sociólogo, cientista político e ensaísta, sua voz potente transmitia convicções firmes. Atuou como professor universitário (assistente, titular, chefe de Departamento) nas universidades: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ); Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (FGV); Faculdade de Direito Candido Mendes; Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio de Janeiro; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Foi reitor da Universidade Candido Mendes (1997).

Possuía ainda uma extensa atuação como professor visitante em universidades do exterior, como Brown University, New York University,



New Mexico University, University of California (LA), Stanford, Columbia e Harvard, entre outras.

O professor também foi membro do Conselho de Cooperação Educacional com a América Latina, do Education and World Affairs (1968), membro do Conselho Diretor do International Institute for Educational Planning (IIEP) – 1976-85 e presidente do Comitê de Programas do International Social Science Council (ISSC), 1974 – órgão representativo das organizações não governamentais de Ciências Sociais reconhecidas pela UNESCO e presidente do Instituto do Pluralismo Cultural, entre outros.

Várias personalidades lamentaram a morte. O presidente da ABL, Merval Pereira, determinou o cumprimento de luto de três dias e que a bandeira da Academia fosse hasteada a meio mastro: “Foi um dos principais intelectuais brasileiros lutando contra a ditadura militar. Criou um dos principais centros de pesquisas social e política do Brasil, o IUPERJ. E, à frente da Academia da Latinidade, que reunia expoentes e intelectuais de vários lugares do mundo, como Alain Touraine, Edgar

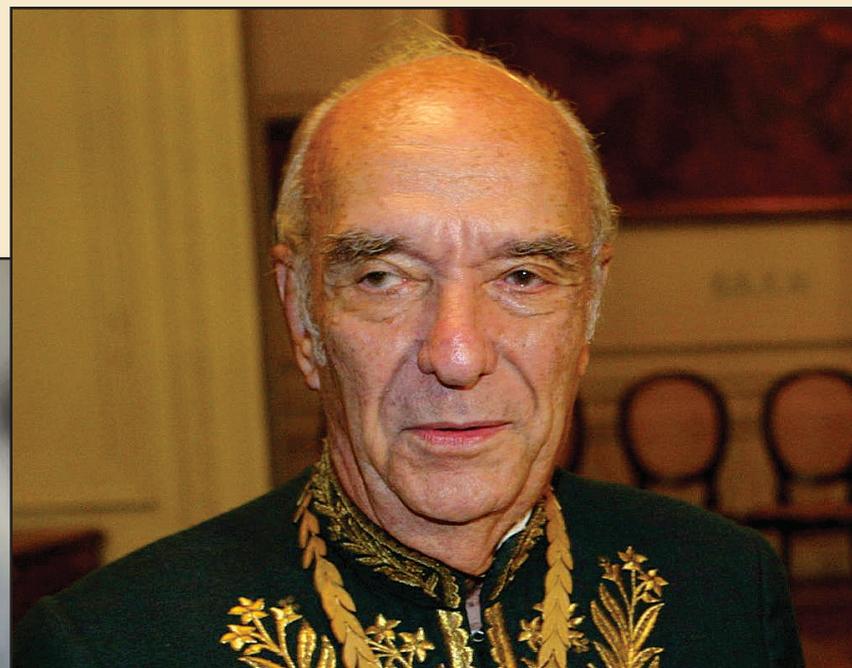
Morin, Hélio Jaguaribe, Jean Baudrillard e Renato Janine Ribeiro, fazia seminários internacionais, debatendo as principais questões do mundo. “Era sempre um ativista no sentido de ajudar, na medida das suas possibilidades – e eram muitas, porque Candido Mendes era múltiplo – a melhorar a situação do país e do mundo”, lamentou o jornalista.

O acadêmico Joaquim Falcão afirmou: “Candido Mendes foi líder da democracia onde atuou. Líder cristão, além do apenas católico. Tinha a ousadia da coragem do pensar, e do fazer. Era um fazedor de compreensões sobre nós mesmo. Ele nos explicava. Espelho das liberdades necessárias.”

Na Casa de Machado, foi o quinto ocupante da cadeira nº 35, tendo sido eleito em 24 de agosto de 1989, na sucessão de Celso Cunha. O advogado tomou posse em 12 de setembro de 1990.

Entre as obras publicadas, destacam-se: *Nacionalismo e Desenvolvimento* (1963), *O País da Paciência* (2000), *Subcultura e mudança: Por que me envergonho do meu país* (2010), *A Razão Armada* (2012), entre outras.

Deixou viúva, a pneumologista e pesquisadora da Fiocruz Margareth Dalcolmo, além de quatro filhos e cinco netos.



A alma da língua portuguesa

Foto: Ciete Silvério

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

“Uma língua é uma alma feita de milhões de almas, pela qual se ama, se sofre, se cria, se chora, se ri, se pensa, se escreve, se fala”, bem definiu o presidente de Portugal Marcelo Rebelo de Sousa, na ocasião da reinauguração do Museu da Língua Portuguesa (MLP), em São Paulo, quando condecorou a instituição com a Ordem de Camões.

Instalado na histórica Estação da Luz, no coração da cidade de São Paulo, o Museu, reinaugurado há oito meses, voltou a encantar o público, com requintada curadoria de Isa Grinspum Ferraz e Hugo Barreto. Com boa parte do conteúdo renovado, a instituição passou a refletir criticamente sobre a sociedade e suas diversas perspectivas, traduzidas em experiências inovadoras.

A língua é o que nos faz humanos. O Museu da Língua Portuguesa explora a língua falada por 260 milhões de pessoas no mundo em sua história, suas influências e em como é elemento fundamental da nossa identidade cultural.

Depois de nove anos de grande sucesso, o Museu fechou as portas por cinco anos. O prédio sofreu um incêndio de grandes proporções, no dia 21 de dezembro de 2015, e teve que ser completamente reformado. Do nascimento ao fogo, havia somado 3,9 milhões de visitantes, 30 exposições temporárias e 12 prêmios.

Estima-se um investimento em torno de R\$ 85 milhões nas obras de reconstrução, acompanhadas pelos órgãos federais, estaduais e municipais de proteção do patrimônio histórico e artístico.

Além do conteúdo das exposições, que foi revisto e ampliado, o Museu agora conta com um novo terraço, com vista para o Jardim da Luz e a torre do



A linda fachada do MLP, com o totem na entrada.

relógio. Durante o período em obras, a equipe responsável aproveitou para reconstruir o acervo e repensar novidades para as exposições. De maneira itinerante, muita pesquisa foi feita para atualizar o panorama da língua portuguesa.

PATRIMÔNIO IMATERIAL

Por ter como tema um patrimônio imaterial, a instituição faz uso da tecnologia e de suportes interativos para construir e apresentar o acervo. Falar sobre a língua portuguesa é falar sobre mudanças, sobre como ela é viva. A grande contribuição do museu é mostrar a língua como cultura e como ela é reinventada.

EXPOSIÇÕES

A reabertura do museu foi marcada por novas instalações entre as exposições de longa duração, dispostas no segundo e no terceiro andar do prédio.

Entre as novidades, está a Línguas do mundo, onde mastros se espalham pelo hall, com áudios em 23 diferentes idiomas. Foram escolhidas línguas, entre as mais de 7 mil existentes, que tenham relação com o Brasil, incluindo expressões originárias, como yorubá, quimbundo, quéchua e guarani-mbyá.

Os sotaques e as expressões do português no Brasil ganham espaço na instalação Falares. E os Nós da Língua Portuguesa mostram os laços e a diversidade cultural entre os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). O idioma é falado em cinco continentes por 261 milhões de pessoas.

Continuam a ser exibidas, assim como nos quase 10 anos em que o museu esteve ativo, a instalação Palavras Cruzadas, que mostra influências históricas no português falado no Brasil e a Praça da Língua, que homenageia a língua falada, escrita e cantada, com um espetáculo de som e luz. A praça, uma espécie de planetário, traz poemas e músicas interpretados por nomes como Maria Bethânia e Matheus Nachtergaele.

Em sua exposição principal, o MLP continua convidando o visitante a aprender sobre a língua portuguesa por meio de instalações interativas e lúdicas. O Beco das Palavras e a Praça da Língua, duas das experiências mais queridas do público, foram mantidas – e renovadas com nova tecnologia.

“SONHEI EM PORTUGUÊS!”

Até o dia 12 de junho, o público poderá ver a mostra temporária Sonhei em Português!, no primeiro andar do Museu. A migração como um direito humano é a premissa da exposição, que tem como um de seus núcleos principais a experiência de imigrantes de várias nacionalidades em São Paulo – uma cidade cuja história e cujo presente são indissociáveis da imigração.

A mostra apresenta depoimentos de 13 imigrantes de várias nacionalidades estabelecidos em São Paulo – e de 6 brasileiros que vivem no exterior. O título vem de um dos depoimentos exibidos e alude ao momento simbólico em que o imigrante concretiza sua ligação pessoal com a terra que o recebeu.

Ao abordar a imigração do século XXI, a mostra faz um importante com-

Foto: Ciete Silvério



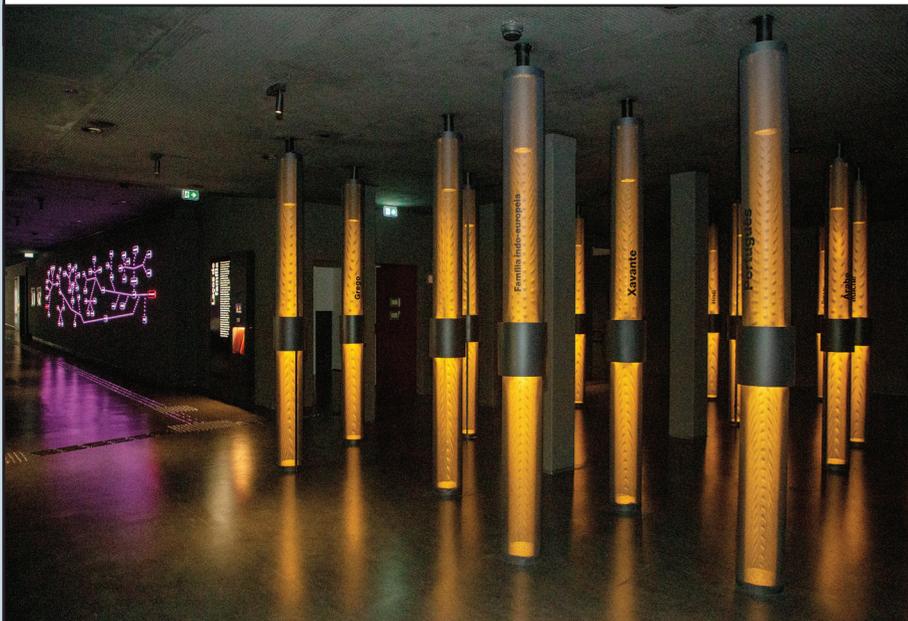
A beleza do terraço do MLP.

plemento ao que o Museu da Língua Portuguesa apresenta em sua exposição principal, uma abordagem histórica dos fluxos migratórios anteriores na construção do português falado no Brasil.

Fotos: Ciete Silvério



A sala "Deslocamentos Cruzados", da exposição "Sonhei em Português!", tem como destaque uma vitrine em que "flutuam" letras e caracteres de alfabetos de várias línguas, como árabe, coreano, chinês, hebraico e cirílico.



Entre as novidades do Museu da Língua Portuguesa, a exposição "Línguas do Mundo".



A exposição "Nós da Língua" explora a língua portuguesa falada por 260 milhões de pessoas no mundo.

Fotos: Joca Duarte



A exposição principal mostra a história, as influências e como a Língua Portuguesa é elemento fundamental da nossa identidade cultural

SERVIÇO

Horários

De terça a domingo.

Das 9h às 16h30 (permanência permitida até 18h).

Recomendamos a compra antecipada do ingresso pelo Sympla.

Fechamento

O museu fecha às segundas-feiras.

Fechado também no dia 01/01.

Auditório e Praça da Língua – 3º andar

Essas experiências funcionam com uma quantidade limitada de visitantes por vez e, por isso, a compra de ingresso não garante automaticamente o acesso a esses espaços. A fim de organizar o volume de público, os interessados devem retirar uma senha com a equipe de orientação em frente ao Auditório.

Ingressos

Inteira – R\$ 20,00

Meia-entrada – R\$ 10,00

Grátis aos sábados*

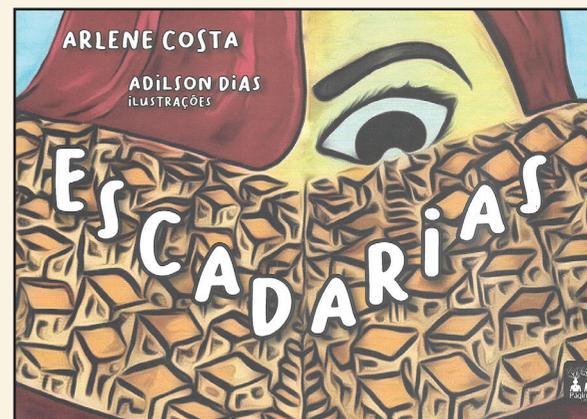
Crianças até 7 anos não pagam*. Veja outras gratuidades.

*Pessoas com direito a gratuidade também podem adquirir suas entradas antecipadamente pela internet. Caso agende sua visita com um grupo de amigos ou família, as pessoas desse grupo com direito à gratuidade também devem ter os ingressos emitidos para garantir sua entrada no mesmo horário.

Alegria, alegria!



Com o patrocínio da Lei de Incentivo à Cultura da cidade do Rio de Janeiro, nossa querida Arlene Costa lança *Escadarias* (ilustrações de Adilson Dias



– Páginas Editora). A poesia no cotidiano do Rio de Janeiro, suas dores e dificuldades, seus sorrisos e alegrias, nas festas, nas danças. Na chuva que tudo leva e lava. Mas, principalmente, na trincheira da biblioteca, no poder do livro e da leitura. Retratos do Rio fora da zona sul.

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Uma página otimista que apresenta boas notícias e confia na alegria!

MEDIDA DO SILÊNCIO

UMA ANTOLOGIA COMEMORATIVA

35 ANOS



Lembramos a comemoração dos 35 anos da Editora Companhia das Letras, fundada em 1986 por Luiz Schwarcz e Lilia Moritz Schwarcz, nos fundos da gráfica Cromocart, que pertencia ao avô de Luiz. Hoje, o Grupo Companhia das Letras reúne 16 selos dedicados aos mais variados segmentos. Para festejar a data, o presente foi enviado a amigos e leitores: a coletânea de poemas, *Medida do Silêncio – uma antologia comemorativa – 35 anos*. “Contemplativos, introspectivos, nostálgicos, ferozes ou mordazes, os poemas reunidos – publicados pela primeira vez – mostram o poeta observando a si mesmo.” Uma delícia de presente, embalado com delicadeza e afeto.

Escrever é o que faço

*Escrever é o que faço quase todos os dias
Converso com meus irmãos sobre os problemas da
[vida e do país.*

*Falo de amor de ódio de paz
de sonho e de muitas outras coisas mais*

Escrever é ato de magia

É ato de construção

O escrever se completa

quando alguém lê

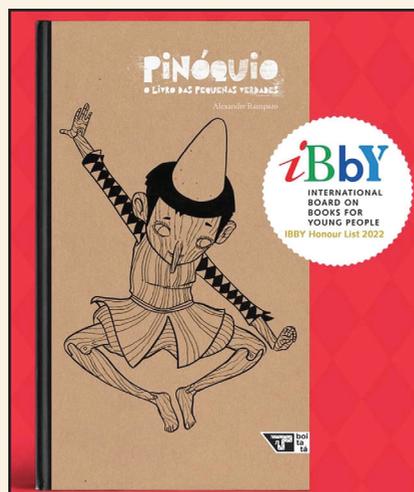
E interpreta as palavras do poeta

Carlos de Assumpção (p. 35)

Franca, SP

Junho de 2021

A notícia prazerosa vem do querido Alexandre Rampazo. *Pinóquio – O livro das pequenas verdades* (Boitatá) integra a Lista de Honra IBBY 2022. No Brasil, o IBBY (International Board on Books for Young People) é representado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, e a inclusão de *Pinóquio* é mais um destaque da qualidade das obras brasileiras de literatura infantil e juvenil. Parabéns!



Li o original de *A Turma do Ferrinho* e adorei a história do Rogério Andrade Barbosa. Foi na Globinho que o texto desencantou e virou livro com edição do Lucas de Sena. Aí começa outra história genial: convidada para ilustrar a obra, Marilda Castanha se depara com a emoção das lembranças do pai, ele próprio um menino do ferrinho e logo relembra as cantigas que ele lembrava com os filhos. Um aperto no coração contar sobre o desalmado trabalho infantil, uma alegria quando uma tristeza se transforma em linda história.

Uma história segue o texto e outra história segue as imagens. *O Sapulante Viajante*, de Edusá (Compor), me lembrou de outra história, *Rã*, de Maria Paula Bolaños (texto e ilustrações) e tradução do Leo Cunha (Galerinha Record). Ali também as histórias se complementam com texto e ilustrações (e, em ambos, os anfíbios são “estrelas”). Enquanto a mãe fala ao telefone, Ana viaja pelo mundo, seguindo um rápido sapo. Até onde ela irá? Ih!! Onde será que ela deixou a bolsa da mãe?



É Porco? – Jean Claude ilustrou e Alexandre de Castro Gomes escreveu (Globinho) – O que acontece quando dois craques se juntam? Uma história genial, claro! Com a História dos três porquinhos de inspiração, a festa está reservada aos porcos, será? E agora esse intruso vai aproveitar a festa ou encher a pança? Isso você decide!

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



PAULO SETÚBAL

Paulo Setúbal de Oliveira, advogado, jornalista, ensaísta, poeta e romancista, nasceu em Tatuí, SP, em 1º de janeiro de 1893, e faleceu em São Paulo, SP, em 4 de maio de 1937. No diário *A Tarde* foi revisor; logo a seguir, a publicação de uma de suas poesias naquele jornal deu-lhe notoriedade imediata, e ele ganhou sua primeira coluna como redator. Concluiu o curso de Direito em 1915. Em 1918, devido à Gripe Espanhola, Paulo Setúbal partiu para Lages, em Santa Catarina, onde destaca-se, especialmente, pelo gênero do romance histórico, com *A Marquesa de Santos* (1925) e *O Príncipe de Nassau* (1926). Iniciou-se, então, a principal fase de sua produção literária, que o levaria a ser o escritor mais lido do país. De *O Ouro de Cuiabá* (1933) até *O Sonho das Esmeraldas* (1935), levavam ao sentido social de levantar o orgulho do povo bandeirante na fase pós-Revolução Constitucionalista (1932) em São Paulo. Logo após, o temperamento sociável, expansivo e alegre; o frequentador de festas e reuniões dava lugar ao homem introspectivo, vivendo apenas cercado da família e dos amigos mais próximos. Aos problemas crônicos de saúde acrescentava-se o desgaste psicológico, ocasionado pela desilusão com os rumos da política e consigo mesmo. Passou a frequentar a igreja da Imaculada Conceição, perto de sua residência em São Paulo, e a ler a Bíblia e livros como a *Psicologia da Fé* e *A Imitação de Cristo*. É quando escreve o *Confiteor*, livro de memórias, a narrativa de sua conversão, que ficou inacabado.

acervo JL



ANNA SEWELL

(Great Yarmouth, 30 de março de 1820 – Old Catton, 25 de abril de 1878) Escritora inglesa. É mais conhecida por seu livro de 1877, *Black Beauty*, seu único trabalho publicado que atualmente é considerado um dos dez livros mais vendidos para o público infantil, ainda que a autora visasse a audiência adulta. Enquanto vivia em Old Catton, Anna escreveu o rascunho de *Black Beauty*, entre 1871 e 1877. Neste período, sua saúde piorou muito, estando quase sempre confinada à cama. Escrever era um desafio para quem mal conseguia se sentar, então ela ditava para sua mãe. Em 1876 começou a escrever em pequenos pedaços de papel que depois sua mãe transcrevia na máquina de escrever. O livro foi o primeiro livro inglês a ser escrito pela perspectiva de um animal. Atualmente é considerado um clássico infantil, mas originalmente Anna escreveu para educar profissionais que trabalhassem com cavalos. O livro foi vendido para a editora Jarrolds, de Norwich, em 24 de novembro de 1877. Ela recebeu apenas £40 por ele (cerca de £3,500 atualmente) e o livro foi publicado no mesmo ano. Após a publicação de seu único livro, Anna ficou muito doente. Ela sofria de dores fortes e ficou completamente restrita à cama nos meses seguintes. Anna morreu em 25 de abril de 1878, aos 58 anos, devido a uma tuberculose ou uma hepatite, apenas cinco meses após a publicação de *Black Beauty*. Ela foi sepultada no cemitério quaker de Lamas, em Norfolk.

acervo JL



ILSE LIEBLICH LOSA

(Buer, Melle, Alemanha, 20 de março de 1913 – Porto, Portugal, 6 de janeiro de 2006) Escritora e tradutora portuguesa de origem judaica. Ameaçada pela Gestapo de ser enviada para um campo de concentração, fugiu para Portugal em 1934, tendo-se fixado na cidade do Porto. Em 1935, Ilse casou com o arquiteto Arménio Taveira Losa. Tornou-se sócia na Associação Feminina Portuguesa para a Paz, uma associação apolítica e não religiosa de mulheres antifascistas e antibélicas. Em 1938, nasceu sua filha, Alexandra Lieblisch Losa; em 1949, ano em que nasceu sua segunda filha, Margarida Lieblisch Losa, publicou seu primeiro livro, *O Mundo em que Vivi*. Desde então, dedicou a sua vida à tradução e à literatura infantojuvenil, tendo sido premiada duas vezes com o Grande Prêmio Gulbenkian de Literatura para Crianças: em 1981, pelo livro *Na Quinta das Cerejeiras*, e em 1984 pelo conjunto da sua obra dirigida às crianças. Ainda que o seu nome se encontre profundamente ligado à escrita destinada aos mais novos, sua obra estende-se ao romance, ao conto e à crônica. Colaborou em diversos jornais e revistas, alemães e portugueses, como o *Jornal de Notícias*, *O Comércio do Porto*, *Diário de Notícias*, *Público* ou *Neue Deutsche Literatur*. Está representada em antologias de autores portugueses e colaborou na organização e tradução de obras portuguesas publicadas na Alemanha. Em 9 de Junho de 1995, foi condecorada Comendadora da Ordem do Infante D. Henrique. Ilse Losa faleceu aos 92 anos, em sua casa, no Porto.

Egiptologia & Tutankamón

Por José Eduardo Coelho*

Irrecusáveis e charmosas pirâmides estão na capital do Egito, Cairo. Turistas das diversas localidades geográficas ficam alucinados quando chegam a esse País. São pontuais em horários e com referência às visitas históricas. Pessoas de diversas faixas etárias, com vestuários próprios de sua procedência, formando um conjunto extraordinário pelas cores dos tecidos. Lá, os bilíngues necessitam de um guia poliglota, que haja entendimento entre os diversos idiomas.

Após o café da manhã, visitamos as pirâmides de Keops, Kefrén e Mikerinos, projetadas pelo arquiteto francês Jean – Pierre Houdin, durante a Quarta Dinastia dos reis egípcios (2680 a 2554 a.C.). A tese do arquiteto sugere: três pirâmides ‘Keops’, em único bloco, para perpetuarem durante muitos séculos.

– Quem sabe se, no futuro, receberemos habitantes de outros planetas? A visita é fantástica, não pelo fato de estarmos presentes.

O cheiro de chão egípcio é proveniente de uma imensa tonelada de pedras; cada unidade pesa 3 / 4 mil quilos, e a altura desta gigantesca obra corresponde a 146m. Vinte e três anos de uma admirável construção artística, trabalho braçal de escravos com auxílio de animais. Na parte interna, há uma falsa tumba para enganar ladrões; outro ponto admirado: do solo até o topo.

Última pedra, o nivelamento é semelhante ao raio laser. Na madrugada, a longa distância, observa-se de um ponto a outro, sem declive, a obra administrada por “Jean”, havendo outras que correspondem ao mesmo número já construído, 94. Ao lado da pirâmide, está a esfinge (busto) de Gisé, muito expressiva e tão perfeita, dando-nos a impressão de que estamos apalpando o braço de um ser vivo, sentindo a vibração do corpo humano; em uma única pedra, em tamanho desproporcional acima da mureta gigante, larga e retangular e, tendo como suporte, uma imensa rocha, na área desértica, que a mantém em pé.

Bem próximo está o rio Nilo, divisa da África e mais sete países. Poços de petróleo que pudemos enxergar foram somente os dianteiros, em plena atividade, pois exportam 65% da produção.



Pequeno comércio de beduínos (Árabes no deserto) e criação de carneiros estão espalhados pela região.

TUTANKAMÓN

O Museu Egyptian está abaixo do nível do solo, uma construção monstruosa em pedras, com salas altas, janelas horizontais retangulares, estreitas e cavadas, com uma única tala fixa, em pedra no meio, simboliza o vidro de hoje, e, também, o magnífico sarcófago (túmulo calcário onde os antigos punham os cadáveres que não desejavam queimar) em ouro e pedras preciosas, pesando 200 quilos, o trono e os escudos faraônicos. Visitar esse museu é mergulhar na história do Egito faraônico. Bustos, estátuas de mármore em única pedra e quadros das personalidades embutidos nas enormes paredes.

Extraordinário é visitar o deserto, observar maravilhas arquitetadas pelas mãos dos seres humanos.

*José Eduardo Coelho é membro do Espaço Literário “Nelly Rocha Galassy”, em Americana (SP).



Por Zé Roberto

arte Desenharte



zrgauna@hotmail.com



ULISSES ARAUJO

A primeira vez que vi de perto as caricaturas de Ulisses foi em 1995, quando o mundo comemorava o centenário do cinema. Na época, o artista exibiu uma interessante exposição com caricaturas de astros da telona, na Casa França Brasil, mostra que recebeu o título de A Cara do Cinema, e que já havia sido exibida no Sesc Três Rios. Antes de sua cinematográfica exposição, o caricaturista já era um experiente artista, com diversos prêmios importantes em

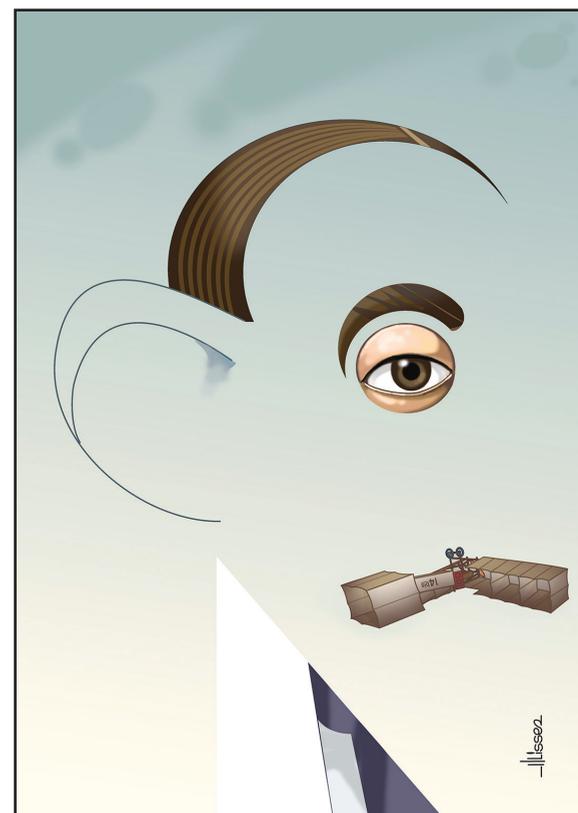
salões de humor, como em 1991, quando ficou com 1º lugar, em Caricatura, no I Salão de Humor de Ouro Preto; em 1992, ficou em 2º lugar, em Caricatura e em Charge, no II Salão de Humor de Campina Grande; 1º lugar em Caricatura e 1º e 2º lugares em Charge no II Salão de Humor de Cataguases, em 1993; depois, em 1994, destacou-se no VIII Salão Carioca de Humor, ficando em 2º lugar em Caricatura; novamente em Cataguases, no III Salão de Humor, foi agraciado com o 2º lugar em Caricatura; e no VI Salão de Humor de Ribeirão Preto, mais uma vez premiado na categoria Caricatura, quando subiu ao pódio no 1º lugar. Mais adiante, após esta primeira exposição individual, Ulisses Ariano Suassuna

se manteve em evidência, conquistando o 1º lugar em Caricatura, no XII Salão de Humor de Volta Redonda, em 1999; e 2º lugar em Caricatura no Salão Internacional de Humor de Piracicaba, em 2000. Mais recentemente, em 2019, Ulisses ficou em 3º lugar no concurso Quem te viu, Quem te vê, Homenagem ao compositor e escritor Chico Buarque de Hollanda, evento organizado pelo IMMUB – Instituto Memória Musical Brasileira.

Nascido em Três Rio,

Rio de Janeiro, no dia 6 de março de 1960, o artista é autodidata, mas chegou a frequentar cursos de artes no Sesc Três Rios, quando foi orientado por Paulo Valentim. Seus ótimos desenhos foram publicados nos jornais humorísticos *O Pasquim*, *Hienas*, *Sapoconcho* (Espanha) e *Pasquim 21*, e nas revistas *Bundas*, *Seleções* e *Veja*. Atualmente, o artista reside no Rio de Janeiro, no município de Paraíba do Sul, e desenha para a *Ediouro*, sendo que algumas dessas artes circularam nas páginas do suplemento *Globinho*, do jornal *O Globo*.

Para ver mais caricaturas do cartunista, o leitor do JORNAL DE LETRAS pode visitar os perfis do artista no Instagram e Facebook, respectivamente nos perfis @ulisses.araujo.79 e ulisses.araujo.79.



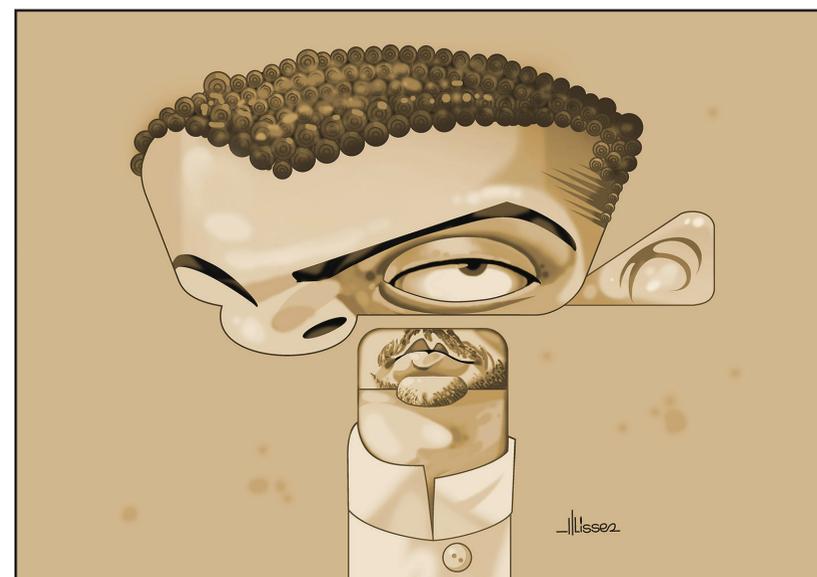
Santos Dumont.

Ziraldo.

Chico Buarque.



Lima Barreto.



Semana de 40 anos!

Parte I

Por Luiz de Aquino*

De um ponto favorável, ou seja, não sendo visto nem sentido com clareza pelas pessoas, acompanho a vida de um pacato lugarejo no Sul de Goiás. Isso faz de mim um espectador privilegiado e, ao meu modo, sei como e quando interferir em favor de melhores condições nesse povoado.

Contarei, a seguir, aspectos de seu cotidiano, numa realidade carente de recursos e iniciativas – daí os meus palpites, cada um como mola a ativar algum movimento.

1920 – CALDAS NOVAS E A PONTE SÃO BENTO

Manhã cinzenta, esta, de céu fechado e chão lamacento. Faz frio e o chão é mole, baboso, escorregadio. As ruas cheias de poças, algumas alongadas pela trilha das carroças com roda de madeira. Tem também os caminhões e dois automóveis, que têm rodas de borracha chamadas de pneus, mas esses carros com máquinas não levam vantagem sobre as carroças e charretes, as máquinas atolam mais – porém, os caminhões que passam às vezes por aqui não ficam presos na lama, porque nos tempos de chuva colocam correntes nas rodas e assim escapam do grude dos atoleiros. Os caminhões levam sacas da produção de arroz, feijão, mandioca e milho para Ipameri, onde tem a estação do trem e de lá essa carga segue para Minas e São Paulo. Na volta, os caminhões trazem produtos das fábricas de São Paulo ou dos portos do Rio de Janeiro e de Santos para as lojas daqui e de Morrinhos.

Minha presença é pouco notada. Aliás, ninguém me olha, ninguém me vê. A bem de ser justo e sincero, sou quase imperceptível: alguns me ouvem, não em som aberto e nítido, claro, límpido: costume soprar sugestões e conselhos, ou apenas palpites ocasionais e determinantes ao ouvido dos seres, em especial dos capazes de impor decisões por novos atos e feitos que venham em favor da melhoria de vida da comunidade.

O coronel Bento de Godoy pediu ao governo que fizesse uma ponte no Corumbá, na divisa de Caldas Novas com Ipameri, mas o presidente do Estado disse que não tem recurso para a ponte, por isso o coronel mudou o pedido e trouxe de lá a concessão para construir e aplicar pedágio para recuperar o investimento. A ponte está em construção, estão fazendo as cabeceiras dos dois lados, em alvenaria forte para aguentar o peso. Um engenheiro estrangeiro falou numa ponte pênsil, que vai levar madeira de lei e cabos de aço. Ele explica que não vai ter colunas dentro d'água porque a garganta onde se constrói a ponte é muito estreita e de grande profundidade, por isso a tal ponte pênsil – que será sustentada por fortes cabos de aço. Por enquanto, os caminhões e carroças grandes levam a produção das roças até a beira do rio e passam para o outro lado na balsa; quando a ponte estiver pronta, vão passar direto, vai ser só pagar o pedágio e seguir viagem.

Incomoda-me tanta chuva. Mas, dirão as senhoras e os senhores leitores, se não me molho nem sinto frio, porque me incomodo com a chuva? Simples: muitos são os entraves, os incidentes e mesmo os acidentes em que minha presença, minha quase imperceptível presença, se faz necessária e, não raro, decisiva. Estimulo a criatividade dos que acodem, inspiro força física aos que dela necessitam para solucionar determinados impasses – como uma carroça atolada, alguém ferido que necessita de remoção e não tem condição individual para isso etc.

O dia está terrível! Ninguém aguenta tanta chuva! Os caminhões que vêm de Ipameri trazem também doentes e viajantes curiosos para tratar ou apenas conhecer as águas. Chegam cheios de dúvidas não acreditam que há minas d'água quente no leito e nas margens do córrego das Lavras. Este nome é por causa da mineração. Quando chegaram aqui, os bandeirantes batiam bateias pelo aluvião do córrego procurando ouro.

Acharam um pouco, pouco mesmo; a riqueza da terra é a temperatura das águas.

Cheguei a vê-los, naqueles primórdios, no afã de bamburrar, colhendo muito de ouro em pó ou, eventualmente, uma expressiva pepita. Deliciavam-se, mesmo, no prazer do banho quente à margem, relaxando a musculatura cansada e sentindo aumentar o desejo sexual, para saciá-lo com a parceira costumeira, com um rapazola que ainda não tivesse sua definição e preferência ou, ainda, dando vazão solitária ao imaginário.

Gosto de ver a chegada dos caminhões e carroças trazendo produtos da indústria e viajantes para os banhos. Como disse, uns vêm pela saúde, outros pela curiosidade. Os primeiros são chamados de pacientes, os outros de turistas que, dizem, é algo que vai acontecer muito no futuro. Sei não... Fosse para receber tanta gente aqui e se isso fosse render dinheiro para a cidadezinha, o trem teria vindo p'ra cá, mas preferiram manter a rota e levar a linha para os rumos do Roncador. Estão fazendo lá a estação e já surge por lá um povoado, uma cidade nova. Por isso o coronel Bento teima com a tal ponte; afinal, Ipameri está a umas dez ou doze léguas, nem é tão longe – o problema é o Corumbá.

Viajantes que vêm de Minas e de São Paulo costumam trazer jornais. Ipameri também tem jornal. E todos são interessantes, como o Lavoura e Comércio, de Uberaba, além dos que chegam da capital de São Paulo e da capital federal, o Rio de Janeiro. Comerciantes gostam dos jornais para, depois de lidos por eles e clientes que frequentam suas lojas para os dedos de prosa de todas as manhã, servirem de papel de embrulho.

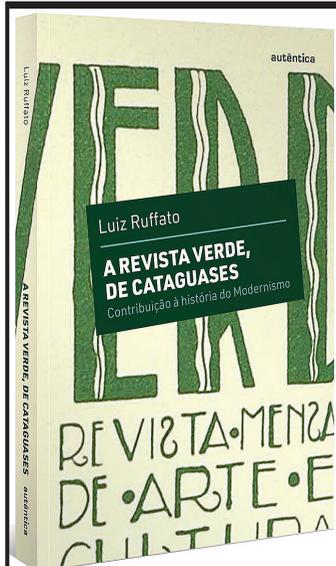
Em Caldas Novas, os doentes pobres acomodam-se em ranchos simples num alinhamento novo chamado de Rua da Palha, por causa da cobertura dessas casinhas com folhas de palmeiras, que são muitas na região. Os mais afortunados hospedam-se na pensão que tem no largo da Matriz. E é ali, no salão de entrada, que os viajantes vindouros costumam deixar jornais, que leram durante a viagem de vinda. Cadernos e folhas são separados e passam de mão em mão para a leitura de todos, ávidos de novidades e de assuntos para as conversas naquele ermo: um povoado pequeno que, menos de dez anos atrás, ganhou foro de município.

Gostei das ações, das agitações e das reuniões que anteciparam e coincidiram com a outorga legal que fez do arraial de Caldas Novas um município autônomo, em 1911. Fiz zumbidos oportunos e saudáveis nos ouvidos internos do coronel Bento, de seu sobrinho José Teófilo, do coronel Orcalino Lopes de Moraes e outros notáveis da pequenina comunidade chamada, na época, de caldense; com o tempo, fez-se necessário aplicar-se o gentílico apropriado, diferenciado de outras localidades que se valiam do mesmo termo, por isso a mudança foi necessária e oportuna, corrigido para caldas-novense.

E nestes tempos, seu prefeito é um engenheiro civil, sobrinho do coronel Bento, nascido em Estrela do Sul, em Minas, e formado no Rio de Janeiro. Esse moço é filho de importante figura do Triângulo Mineiro, Teófilo de Godoy, o pioneiro que buscou na Índia uma raça exótica de bovinos, o zebu. O engenheiro José Teófilo só ostentava o nome civil em documentos, como seus autos e lados profissionais, além da papelada da Prefeitura, pois, para toda a cidade, e até sua morte, seria conhecido como Juca. Juca de Godoy, engenheiro e poeta.

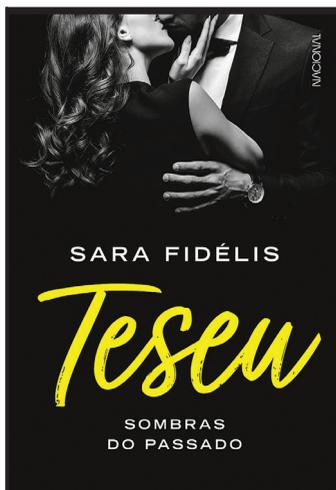
Um ano depois dessa internada de chuvas persistentes, deu-se a inauguração da ponte, no ponto em que o rio Corumbá se estreita e – dizem – torna-se mais profundo o seu leito; o local é chamado de Rochedo, referência óbvia às colunas de pedras escolhidas como alicerces para as cabeceiras da ponte pênsil. Seu nome, Ponte São Bento, é uma evocação ao santo de que o coronel Bento de Godoy é devoto.

*Luiz de Aquino é jornalista e membro da Academia Goiana de Letras

**REVISITANDO 22**

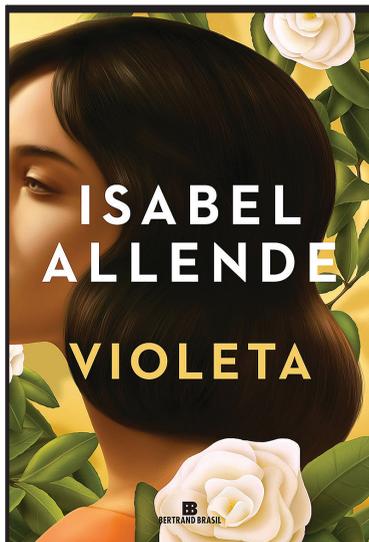
Em *A Revista Verde, de Cataguases: Contribuição à história do Modernismo* (Autêntica Editora), Luiz Ruffato apresenta uma importante contribuição para a compreensão do desenvolvimento e consolidação das ideias modernistas no Brasil, por meio de uma abordagem sobre o movimento vanguardista ocorrido em Cataguases (MG). *A Revista Verde*, lançada em 1927, reuniu em suas páginas o que de melhor e mais ousado havia em termos de produção literária naquele momento, com explícito incentivo, moral e financeiro, de nomes como Mário de Andrade, Alcântara Machado, Prudente de Moraes Neto e Oswald de Andrade, entre outros. Ao contrário do que até hoje a historiografia aborda como “fenômeno inexplicável”, Ruffato demonstra, de maneira cabal, que o surgimento desse movimento numa localidade do interior de Minas Gerais deveu-se a uma convergência de fatores econômicos, sociais e culturais. Na época, a aristocracia cafeeira de Cataguases estava se transformando em burguesia industrial e a sede do município, um núcleo urbano consolidado, agregava uma população em torno

de 16 mil pessoas – Belo Horizonte, capital do Estado, tinha cerca de 100 mil habitantes. Além disso, a cidade contava com ótimo sistema educacional e uma geração intelectual ávida por novidades, tanto na literatura (Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Guilhermino César, Francisco Inácio Peixoto), quanto no cinema (Humberto Mauro). De certa forma, o movimento Verde marca o início do fim da fase heroica e radical do modernismo.

**ON-LINE**

Um grande sucesso com mais de 12 milhões de páginas lidas nas plataformas digitais, Teseu está de volta em sua melhor versão, no livro *Teseu: Sombras do passado* (Editora Nacional), de Sara Fidelis, com cenas extras inéditas. Não procrastinar, não se atrasar e não se intrometer. Essas são as três regras que o empresário Teseu Demetriou estabelece aos seus funcionários. Quando, por um golpe do destino, Lívia passa a trabalhar na Pic-Pega, sua loja de brinquedos preferida desde a infância, logo fica intrigada pelo jeito reservado, discreto e até mesmo frio do CEO. Por conta da distância que Teseu insiste em colocar entre ele e seus colaboradores, seu passado é um mistério para todos. No entanto, Lívia acredita que ele tem um bom coração. Enquanto isso, no Lar Santa Inês, abrigo onde Lívia cresceu e agora atua como voluntária, os irmãos Davi e Martina mal chegaram e já correm o risco de serem separados na adoção.

Traumatizada por ter vivido uma situação semelhante com o próprio irmão, Lívia busca desesperadamente um jeito de evitar que o mesmo aconteça a essas crianças. Mesmo que, para isso, tenha que quebrar as regras. Sara Fidelis nasceu em Alfenas-MG, cidade em que vive com o marido e seus dois filhos. Leitora voraz desde criança, escreveu seu primeiro romance aos sete anos. A paixão pela escrita motivou seu ingresso no curso de Letras, na Universidade Federal de Alfenas, onde concluiu os primeiros semestres até tomar a decisão de se dedicar integralmente a escrita. Desde então, já publicou dez romances e atingiu a marca de mais de quarenta milhões de leituras on-line.

**DECEPÇÕES**

Isabel Allende, autora best-seller do New York Times, apresenta, em *Violeta* (Bertrand Brasil Editora), com tradução de Ivone Benedetti, a épica história da centenária Violeta Del Valle, uma mulher que testemunhou toda a efervescência do século XX. Violeta veio ao mundo em um dia tempestuoso de 1920, a primeira menina em uma família com cinco filhos. Desde o início, sua vida foi marcada por acontecimentos extraordinários: ainda era possível sentir os efeitos da Grande Guerra quando a gripe espanhola chegou ao seu país, pouco antes do seu nascimento. A família saiu ilesa dessa crise, mas não conseguiu enfrentar a seguinte. A Grande Depressão transformou totalmente a vida urbana que Violeta conhecia. Sua família perdeu tudo e foi forçada a se mudar para uma parte mais remota do país. Lá, ela cresceu e terá seu primeiro pretendente. Violeta narra sua história em uma carta a pessoa que mais ama nessa vida, contando decepções e casos amorosos, momentos de

pobreza e riqueza, terríveis perdas e imensas alegrias, sempre permeando grandes eventos da história: a luta pelos direitos das mulheres, a ascensão e queda de tiranos e, em última análise, não uma, mas duas pandemias. Contada pelos olhos de uma mulher apaixonada, determinada e com senso de humor, Isabel Allende – autora de *A Casa dos Espíritos*; *Muito Além do Inverno*; *Longa Pétala de Mar*, entre outros – nos conduz por uma vida turbulenta na forma de um romance épico, inspirador e profundamente emocionante.

**GALINHO DE QUINTINO**

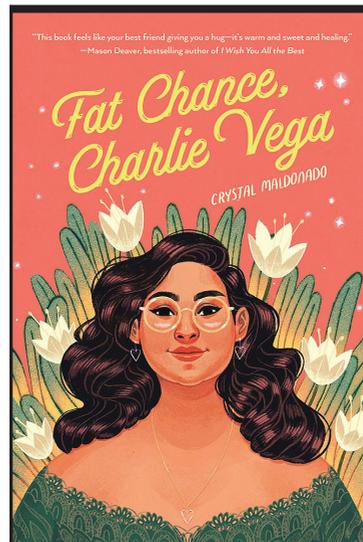
Após exaustivas e complexas pesquisas nacionais e internacionais, os autores contam a história de Arthur Antunes Coimbra, o Zico, com o futebol, saboreando cada gol marcado pelo “Galinho de Quintino” como se estivessem a beber um bom vinho. Nesse caso, taças, com ou sem trocadilho, certamente não faltarão. Das peladas de rua ao título de um dos maiores artilheiros da história do Brasil e um dos maiores símbolos do futebol mundial, o craque que marcou gerações tem sua carreira relembrada nessa obra que enumera os gols feitos na

escolinha, no juvenil e no profissional, com datas, locais e adversários mencionados em ordem cronológica. Cada capítulo é um ano da história da vida profissional do jogador e, para o deleite do leitor, além da relação de gols, os autores apresentam, também, estatísticas, rankings, curiosidades e afins. Com prefácios do jornalista e escritor Marcos Eduardo Neves, George Helal e do Maestro Junior, o livro tem imagens belíssimas e uma narrativa empolgante, capaz de nos transportar a campo ao descrever a destreza de Zico ao colocar a bola nas redes: de falta, rolando, pênaltis, cabeça, calcanhar, de letra e até de bunda, sem querer. Toda essa habilidade é, sem dúvida, fruto, primeiro, do seu dom em jogar futebol com o objetivo sempre de marcar gol, a razão do jogo. Talento, técnica, determinação e obsessão pela perfeição conquistaram uma nação e mudaram, para melhor, o cenário futebolístico nacional e internacional. *A História de Todos os Gols do Zico* sai pela égide da Tinta Negra Bazar Editorial.

**TRISTE REALIDADE**

As Costureiras de Auschwitz (Crítica Editora), de Lucy Adlington, com tradução de Renato Marques, conta como costureiras aprisionadas nos campos de concentrações nazistas faziam vestidos para as mulheres dos oficiais nazistas. A história real de mulheres judias que, para sobreviver, costumavam em uma oficina de moda dentro de Auschwitz, instalada pela esposa do comandante do campo de concentração. No auge do Holocausto, 25 jovens presidiárias do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau foram selecionadas para desenhar, cortar e costurar roupas de luxo para as mulheres de guardas e oficiais nazistas. O trabalho era feito em uma oficina de costura instalada dentro de um dos maiores campos de extermínio da Segunda Guerra Mundial. O ateliê foi fundado por Hedwig Höss, a esposa do comandante de Auschwitz. Com base em diversas fontes, incluindo entrevistas com a última costureira sobrevivente, *As Costureiras de Auschwitz* revela o trabalho e o destino dessas mulheres que cerziam na esperança de serem salvas das câmaras de gás. Lucy Adlington investiga a vida de “costureiras que desafiaram as tentativas nazistas de desumanizá-las e degradá-las, formando os mais incríveis laços de amizade e lealdade”. Esses laços não apenas as ajudaram a suportar a perseguição, mas, também, a desempenhar um papel na resistência no campo. Assim, a autora oferece um novo olhar sobre um capítulo pouco conhecido da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto.

Trabalho e o destino dessas mulheres que cerziam na esperança de serem salvas das câmaras de gás. Lucy Adlington investiga a vida de “costureiras que desafiaram as tentativas nazistas de desumanizá-las e degradá-las, formando os mais incríveis laços de amizade e lealdade”. Esses laços não apenas as ajudaram a suportar a perseguição, mas, também, a desempenhar um papel na resistência no campo. Assim, a autora oferece um novo olhar sobre um capítulo pouco conhecido da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto.

**VENCENDO OS MEDOS**

Sabe aquele tipo de livro que nos transporta instantaneamente à nossa adolescência? *Fat Chance: A vez de Charlie Vega* (Editora Gutenberg), o romance de estreia de Crystal Maldonado acompanha a vida de Charlie Vega, de 16 anos, uma garota gorda de descendência porto-riquenha que vive em um subúrbio predominantemente branco de Connecticut, nos Estados Unidos, durante seus anos de Ensino Médio. Ter uma protagonista com tais características não deveria ser algo revolucionário, mas a verdade é que quase não vemos personagens gordos no centro de um romance. “Eles geralmente são os que desejam e não os desejados”, explica Crystal, que subverteu isso ao escrever um livro que celebra e valida identidades e experiências raramente exploradas na ficção. Crystal Maldonado é uma jovem autora cheia de sentimentos. *Fat Chance: A vez de Charlie Vega*, seu romance de estreia, foi vencedor do prêmio New England Book em 2021 e eleito pela revista

Cosmopolitan e pela POPSUGAR como o Melhor Livro Jovem Adulto de 2020. Durante o dia, Crystal é profissional de marketing e, durante a noite, torna-se uma escritora que adora tietar a Beyoncé, fazer compras e passar o tempo rindo bastante com os amigos no telefone. Suas histórias também já foram publicadas na revista *Latina*, no Buzz Feed e no Hartford Courant. Crystal vive em Massachusetts com o marido, a filha e o cachorro.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Federações



Sindicatos



SESC

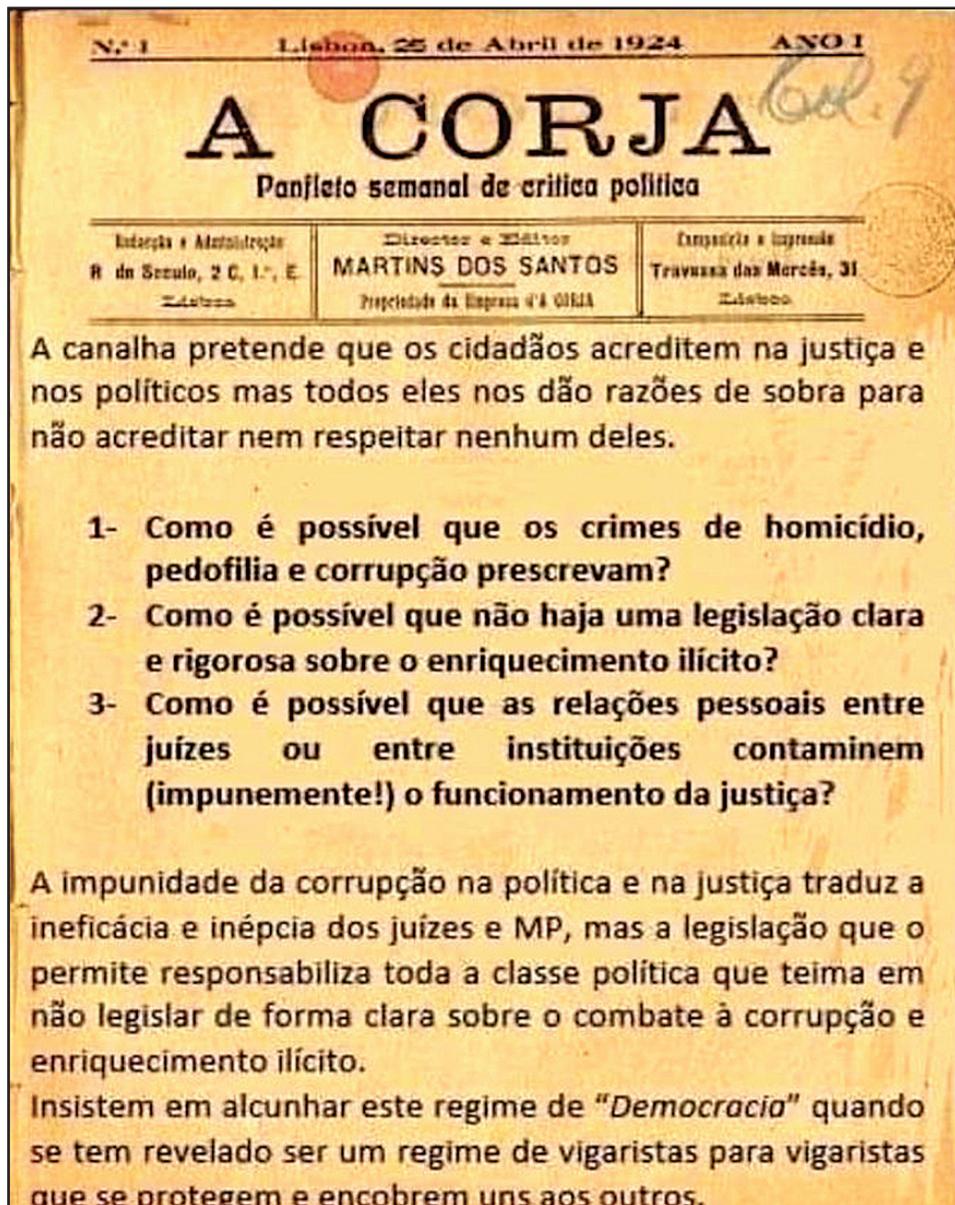


Senac

Trabalho a favor do Brasil.

A corja internacional

Por José Carlos Gentili*



Vivenciamos o século XXI, quando me enviam matéria panfletária do século XX, a espelhar as inovações de Clístenes, de Solon, de Dracon, do regime democrático ateniense, encontrando nos primórdios do século Va.C., a mostrar-nos que *demokratia* promana de *demos* (povo) e de *kratos* (poder).

Sabidamente, Clístenes foi declarado o Pai da Democracia, então.

Sucintamente, eis a participação dos cidadãos no contexto político a enfrentar a tirania das elites oligárquicas.

A propósito, neste período da Antiga Grécia, Heródoto – o Pai da História –, já nos ensinava:

“Pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro.”

Há que se retroagir no tempo e no espaço, metrificando-se as realidades ocasionais, temporais, espaciais, confrontando-as com adventos e resultados político-administrativos societários.

Verdadeiro calidoscópio multiforme, multifário a projetar visões mil, inclusive com o apenamento do ostracismo, por um decênio, que se afigura-me uma branda vilegiatura procedimental, à época, em Atenas.

Assim, ao examinar o panfleto do editor Martins dos Santos, datado de 1924, o irredimido autor clama pelo abuso vigente da *eclisia* (assembleia) portuguesa, que elegeu Manuel Teixeira Gomes como presidente da Primeira República., a durar de 06/10/1923 a 11/12/1925.

Tempos revoltos!

A *Corja*, o supracitado panfleto semanal de crítica política, impresso na Travessa das Mercês, em Lisboa, mostra as entranhas da política da época, a demonstrar de forma irretorquível, cristalina, a similitude com a realidade brasileira atual, profetizada por Ruy Barbosa – a Águia de Haya – ao sentenciar:

“De tanto ver triunfar as nulidades; de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça. De tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra e a ter vergonha de ser honesto.”

Em 1871, José Maria Eça de Queiroz, referindo-se à Santa Terrinha, assim se expressou, também:

“Estamos perdidos há muito tempo. O país perdeu a inteligência a consciência moral. Os costumes estão dissolvidos, as consciências em debandada. Os caracteres corrompidos. A prática da vida tem por única direção a conveniência. Não há princípio que não seja desmentido. Não há instituição que não seja escarnecida. Ninguém se respeita. Não há nenhuma solidariedade entre os cidadãos. Ninguém crê na honestidade dos homens públicos. Alguns agiotas felizes exploram. A classe média abate-se, progressivamente, na imbecilidade e na inércia. O povo está na miséria. Os serviços públicos são abandonados a uma rotina dormente. O Estado é considerado na sua ação fiscal como um ladrão e tratado como um inimigo. A certeza deste rebaixamento invadiu todas as consciências. Diz-se por toda parte que o país está perdido.”

Por sua vez, lapidar, também, foi Martins dos Santos, assim reverberando (*ipsis literis*):

“O canalha pretende que os cidadãos acreditem na justiça e nos políticos, mas todos eles nos dão razões de sobra para não acreditar nem respeitar nenhum deles.”

1 – Como é possível que os crimes de homicídio, pedofilia e corrupção prescrevam?

2 – Como é possível que não haja uma legislação clara e rigorosa sobre o enriquecimento ilícito?

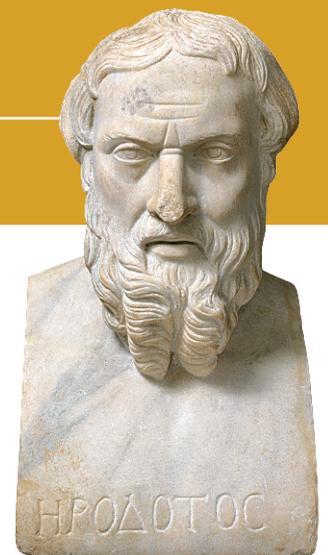
3 – Como é possível que as relações pessoais entre juizes ou entre instituições contaminem (impunemente) o funcionamento da justiça?

A impunidade da corrupção na política e na justiça traduz a ineficácia e inépcia dos juizes e MP, mas a legislação que o permite responsabiliza toda a classe política que teima em não legislar de forma clara sobre o combate à corrupção e enriquecimento ilícito.

Insistem em alcunhar este regime de ‘democracia’ quando se tem revelado ser um regime de vigaristas para vigaristas que se protegem e encobrem uns aos outros.” (A *Corja* – 1924).

“Pensar o passado para compreender e idealizar o futuro.”

Heródoto



*José Carlos Gentili é jornalista.

O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922

Por Manoel Goes Neto*

No início do século XX, o Brasil começava a se modernizar. As primeiras indústrias começavam a se instalar na cidade de São Paulo e a produção de café do interior paulista gerava receita de exportação, transformando o estado em novo centro econômico brasileiro. A arte, portanto, precisava acompanhar essas mudanças. Vinham à tona as vanguardas artísticas e, com elas, a consolidação da modernidade. Além disso, 1922 foi o centenário da Independência do Brasil. Um cenário ideal para a renovação artística nacional. O país, que se transformava e se modernizava, precisava de um novo olhar artístico, sociocultural e filosófico que propusesse uma arte nacional original e atualizada, trazendo um pensamento a respeito da realidade e da variedade cultural, características do território brasileiro.

A participação feminina na história da arte brasileira só foi reconhecida a partir do Modernismo, quando a mulher passou a ocupar espaços antes dominados por artistas homens nas esferas artísticas, cultural e social. Anteriormente ao movimento, a presença da mulher era praticamente desconhecida devido a determinismos biológicos,

preconceitos sociais de gênero e da ausência de oportunidades e de reconhecimento por parte das instituições e suas práticas.

Até meados desse século, era comum as artistas pintoras esconderem-se atrás de monogramas, pseudônimos masculinos ou mesmo reduzirem seu primeiro nome à primeira letra, com intuito de não expor a condição de mulher.

Influenciados pelas escolas de arte europeias e pela renovação geral no panorama da arte ocidental, um grupo de artistas, o Grupo dos Cinco, idealizou a Semana de Arte Moderna em São Paulo, no período de 13 a 17 de fevereiro. O grupo era formado pelas pintoras Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, e pelos escritores Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Esses artistas e intelectuais brasileiros uniram seus esforços para apresentar as suas produções ao grande público. A Semana de Arte Moderna de 1922 representou uma nova visão da arte e trouxe uma proposta “mais brasileira” dentro do contexto da época.

Em homenagem ao centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, está em exposição, na galeria da Casa da Memória de Vila Velha, até o dia 10 de abril, na Prainha, a mostra de pinturas em acrílica “Olhares”, da talentosa pintora Fátima S.R., sob a curadoria do brilhante artista Celso Adolfo, composta de 30 belíssimas obras. Nesta mostra, a artista Fátima apresenta um recorte de sua vasta produção, em que a figura humana é o centro em detalhes do cotidiano contidos em retratos expressos na paleta de cores e alma “Modernista”, ricas em detalhes e expressões firmes. Olhares penetrantes que nos convidam adentrar na obra e participando daquele instante, compartilhando cenas familiares, o hábito da leitura, e a devoção religiosa. As ideias que surgiram na Semana de 22 se desdobraram em movimentos diversos que levaram seu legado adiante, como podemos constatar.

*Manoel Goes Neto é escritor, diretor no IHGES e subsecretário de Cultura de Vila Velha, ES.

Toda teoria tem um LADO PRÁTICO. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▶ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▶ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▶ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▶ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

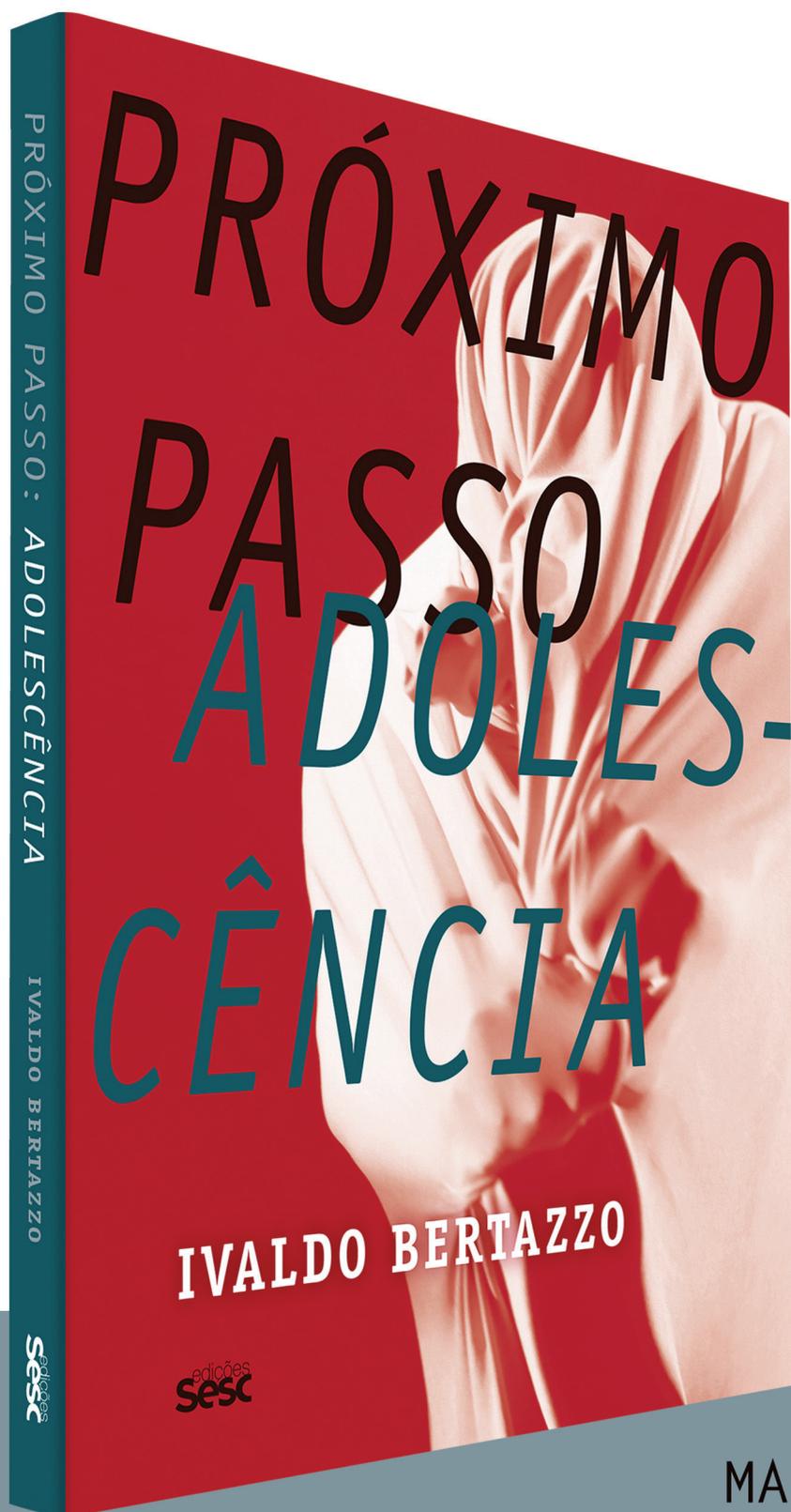
FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



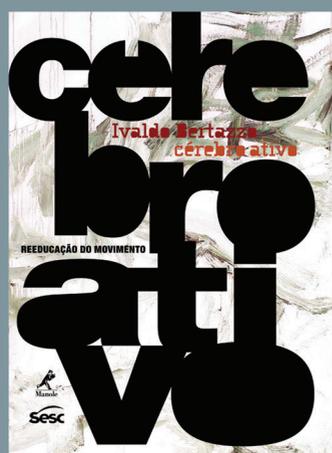
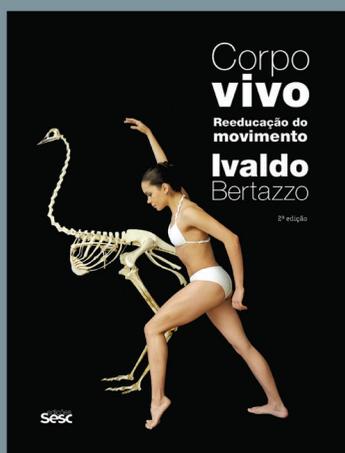


LANÇA- MENTO

PRÓXIMO PASSO:
ADOLESCÊNCIA
IVALDO BERTAZZO

Com apoio de exercícios ilustrados, fotos de oficinas de expressão corporal e uma série de vídeos, o livro abre aos jovens, e aos envolvidos em seu convívio ou educação, novas formas de estar no mundo conscientes de si, dos outros e do seu espaço.

MAIS LIVROS DE IVALDO BERTAZZO



CORPO VIVO
reeducação do movimento

CÉREBRO ATIVO
reeducação do movimento

GESTO ORIENTADO
reeducação do movimento

FASES DA VIDA
da gestação à puberdade

sescsp.org.br/edicoes

    /edicoessescsp

edições
SESC